

ANDREIA CAVALHEIRO DE SANTANA BRANDÃO

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS LGBT
DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: IDENTIDADES E
DIFERENÇAS**



Campo Grande - MS
Julho/2022

ANDREIA CAVALHEIRO DE SANTANA BRANDÃO

**EXPERÊNCIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS LGBT
DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: IDENTIDADES E
DIFERENÇAS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira



Campo Grande/MS
Julho /2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Católica Dom Bosco

Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

BS17e Brandão, Andréia Cavalheiro de Santana
Experiências de vida de acadêmicos LGBT do curso de
educação física: identidades e diferenças/ Andreia
Cavalheiro de Santana Brandão sob orientação do Prof.
Dr. Carlos Magno Naglis Vieira.-- Campo Grande, MS
: 2022.
91 p.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2022
Bibliografia: p. 84-91
1. Aspectos socioculturais - Educação superior. 2.
Acadêmicos de Educação Física - Gênero e identidades.
3. Acadêmicos LGBT I.Vieira, Carlos Magno Naglis.
II. Título.

CDD: 370.1934

**“EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS LGBT DO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: IDENTIDADES E DIFERENÇAS”**

ANDREIA CAVALHEIRO DE SANTANA BRANDÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (UNIR/UCDB) Orientador e Presidente da Banca Carlos Magno Naglis Vieira
Prof^a. Dr^a. Léia Teixeira Lacerda (UEMS) Examinadora Externa p/ Carlos Magno Naglis Vieira
Prof. Dr. José Licínio Backes (PPGE/UCDB) Examinador Interno José Licínio Backes

Campo Grande/MS, 29 de julho de 2022.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que, por não se enquadrarem nos padrões diversos estabelecidos socialmente, lutam diariamente para a concretização de seus direitos.
(Helder Júnio de Souza)

Àquelas e àqueles que tiveram suas vozes silenciadas ou preteridas diante de situações-limite de vilipêndio.
(Everton Ribeiro)

AGRADECIMENTOS

O exercício de escrita de um trabalho acadêmico é uma etapa de um longo processo de pesquisa, reflexão, discussão, parcerias. O trabalho ganha uma assinatura que identifica a sua autora e passa a ele estar relacionado, mas ele é o resultado de infinitas interações da autora com diferentes outros. Gostaria, assim, neste espaço de deixar registrado meu agradecimento e meu reconhecimento a esses tantos outros, alguns dos quais serão explicitamente nomeados aqui. Quero que todos saibam que aqui fica meu sincero agradecimento e não apenas algumas linhas que visam cumprir uma obrigação formal.

Em primeiro lugar, quero citar meu querido avô Joselito, o qual, com sabedoria, amor e cuidado, se dedicou e contribuiu para que eu me tornasse a profissional que me tornei. A ele serei imensamente grata por tudo, mesmo ele não estando mais presente entre nós.

Ao meu esposo amado Odil, com quem vivo um eterno caso de amor e cumplicidade. Foi dele a ideia de que eu voltasse a estudar e de que eu ingressasse em um mestrado.

A minha filha Mikaella, que foi sempre um estímulo para que eu seguisse adiante. Seus olhos foram sempre por demais generosos ao me enxergar, vendo-me talvez, com suas lentes ampliadas, de uma forma muito maior do que eu de fato seja. Ela é sem dúvida uma filha exemplar. Eu a amo.

A meu filho Odil Junior, por estar caminhando comigo na mesma profissão. Meu orgulho.

A minha tia Aurora, que também acompanhou este trabalho, ainda que indiretamente, sempre com palavras de incentivo, acreditando em mim e me fornecendo força, ar e carinho ao longo dessa caminhada.

Ao meu genro Nelson Junior que sempre acreditou que eu podia ir muito mais além.

Ao meu orientador Dr. Carlos Magno Naglis Vieira, pela alegria de saber que é possível conviver com as duras obrigações e exigências do trabalho acadêmico sem abrir mão da camaradagem, da solidariedade, da amizade e do respeito ao outro. Com ele aprendi que nossos referenciais não nos dão apenas trechos para serem citados, mas conselhos para serem vividos. Eu nunca esquecerei essa lição, porque ela não foi ensinada com palavras, mas através dos seus gestos e atitudes no dia a dia de nosso relacionamento, mesmo que distante durante as aulas que aconteciam de forma remota. Agora na etapa final da dissertação, pude me valer ainda mais dessa sua energia, de seu conhecimento teórico e de sua infinita capacidade de superação, contando com sua leitura e releitura das versões que se multiplicaram sem parar desde que a escrita teve início. Suas indicações e sugestões foram

extremamente pertinentes e academicamente valiosas, pois em todos os momentos me incentivou a finalizar o estudo e, com poucas palavras, não me deixou desistir.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), o meu agradecimento por me ter oferecido um ambiente de qualidade acadêmica indiscutível.

Aos professores que tive o prazer de conhecer durante as aulas, meu agradecimento pelo apoio que me foi dado.

Ao colega do programa Marco Aurélio, com quem sempre pude contar durante meu período de estudo.

A querida amiga professora Cintia Pereira que me apoiou em todos os momentos.

Aos professores Dr. Jose Licínio Backes e Dra. Léia Teixeira Lacerda, por terem aceitado o convite para participar de meu exame de qualificação, fazendo considerações sobre o projeto, tornando aquele momento muito importante para os desdobramentos futuros deste trabalho. Já deixo aqui registrado o agradecimento por comporem a banca de avaliação deste trabalho.

A Deus pela vida, saúde e conhecimento.

Propositalmente, deixei por último o agradecimento aos discentes queridos, aos quais me refiro como “fofuxcos”. A eles reservo um agradecimento todo especial, já que estiveram abertos à proposta da pesquisa, partilhando suas experiências de vida. A participação deles foi fundamental para que a pesquisa fosse realizada. Agradeço não apenas pela disponibilidade, mas pelo muito que aprendi com eles em nossas conversas e convivência.

BRANDÃO, Andreia Cavalheiro de Santana. **Experiências de vida de acadêmicos LGBT do curso de Educação Física: identidades e diferenças**. Campo Grande, 2022. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Situada no campo da Educação, a pesquisa realizada com acadêmicos LGBT matriculados no curso de graduação em Educação Física de uma instituição de ensino superior, no município de Campo Grande/MS, tem como objetivo geral: apresentar como os acadêmicos LGBT narram suas experiências de vida e posicionam suas identidades e diferenças. Os objetivos específicos da pesquisa são: a) Partilhar as experiências de vida dos acadêmicos, buscando identificar os principais acontecimentos que os auxiliaram na afirmação da sua identidade; e b) Identificar, a partir das experiências de vida os preconceitos e as discriminações vivenciadas por esses acadêmicos, tendo como aporte teórico os estudos de gênero, identidade e diferença. Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa de caráter qualitativo, tem como procedimentos metodológicos para a produção dos dados a observação participante e a realização de entrevistas, por meio da plataforma Google Meet. Os resultados mostram que os referidos acadêmicos são presenças identitárias marcantes na instituição de ensino superior selecionada e, por isso, narram suas experiências de vida a fim de construir estratégias para a manifestação das identidades/diferenças, ou seja, o seu Eu diante do Outro nas relações de alteridade.

Palavras-chave: Experiências de vida; identidades/diferenças; acadêmicos LGBT; Curso de Educação Física; ensino superior.

BRANDÃO, Andreia Cavalheiro de Santana. **Life experiences of LGBT academics from the physical education course: A study on identities and differences.** Campo Grande, 2022. 91 p. Dissertation (Master), Dom Bosco Catholic University – UCDB.

ABSTRACT

This master's thesis is linked to the Cultural Diversity and Indigenous Education Research Line and to the Intercultural Education and Traditional Peoples Research Group, of the Postgraduate Program in Education - Master's and Doctorate - of the Catholic University Dom Bosco/UCDB. Situated in the field of Education, the research conducted with LGBT scholars enrolled in the Physical Education undergraduate course at a higher education institution in the municipality of Campo Grande/MS, has as its general objective: to present how LGBT scholars narrate their life stories and position their identities and differences. The specific objectives of the research are: a) To share the students' life stories, trying to identify the main events that helped them to affirm their identity; and b) To identify, from the life stories, the prejudices and discriminations experienced by these students, using gender, identity and difference studies as theoretical support. To achieve the proposed objectives, the qualitative research has as methodological procedures for the production of data the participant observation and interviews, using the Google Meet platform. The results show that the aforementioned academics are marked identity presences in the selected higher education institution and, therefore, narrate their life stories in order to build strategies for the manifestation of identities/differences, i.e., their I before the Other in relations of alterity.

Keywords: Life experiences; identities/differences; LGBT scholars; Physical Education course; higher education.

LISTA DE SIGLAS

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais.
FUCMAT – Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso.
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco.
MHB – Movimento Homossexual Brasileiro.
UMI – Universidade da Melhor Idade.
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação.
COVID-19 – coronavirus disease 2019.
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – Acadêmicos LGBT entrevistados do curso de educação física: pseudônimo, idade cor e gênero.....	52
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: SITUANDO O TRABALHO DE PESQUISA	13
CAPÍTULO I - AS IDENTIDADES/DIFERENÇAS DE UMA PROFESSORA NA PRODUÇÃO DE UM TRABALHO COM ACADÊMICOS LGBT.....	21
1.1. Apresentando as identidades e diferenças de um trajeto de vida.....	21
1.2. Entrei no mestrado em Educação! Novas identidades docentes e olhares surgiram.....	33
1.3. Quem me ajudou nessa produção? Os autores que me auxiliaram nesse texto da pesquisa.....	37
1.4. Experiências docentes com acadêmicos LGBT no ensino superior.....	43
1.5. As escolhas metodológicas para a produção dos dados.....	48
1.6. Caracterizando os acadêmicos LGBT do curso de Educação Física que participaram da pesquisa.....	52
INTRODUÇÃO: SITUANDO O TRABALHO DE PESQUISA	13
CAPÍTULO I	21
1.1. Apresentando as identidades e diferenças de um trajeto de vida.....	21
1.2. Entrei no mestrado em Educação! Novas identidades docentes e olhares surgiram.	33
1.5. As escolhas metodológicas para a produção dos dados	48
REFERÊNCIAS	84
SOBRAL, Priscilla. Soteroprosa Olhares Contemporâneos é um portal de Conhecimento, Entretenimento e Reflexão. Salvador, Bahia, Brasil.2021. Disponível em: https://www.soteroprosa.com/single-post/roupa-tem-g%C3%AAnero Acesso em: 15 de agost.2022.	90

INTRODUÇÃO: SITUANDO O TRABALHO DE PESQUISA

Como docente em uma instituição do ensino superior, um espaço repleto de diferenças, dúvidas e incertezas, aprendi que exercer minha profissão é muito mais que ministrar aulas e aplicar e corrigir provas. Nesse espaço em que transito já há alguns anos, posso dizer que tudo foi se moldando, sendo construído e desconstruído no decorrer de minha carreira docente.

Durante esse período, fui percebendo não somente nos estudos, mas também em minha vivência profissional, o quanto pude crescer por meio da relação estabelecida com os acadêmicos, em especial os do curso de Educação Física. No processo, percebi que, por meio da Educação, é possível contribuir para a transformação do Eu, do Outro e do mundo, mesmo que tenha sido entendida por algumas vezes de forma contrária. Esse momento de escrita me fez recordar os pensamentos de Freire (1996, p. 49), quando menciona que “[...] ensinar não é transferir conhecimento [...], é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos [...]”.

Dessa forma, aprendi a ter um olhar mais empático em relação ao Outro e, para isso, foi preciso envolver, conhecer e reconhecer o contexto de cada discente, suas necessidades e suas histórias de vida. Também fui aprendendo, ao longo desse processo, o quanto é importante e necessário me despirm das minhas crenças, me libertar de pensamentos coloniais que carrego e que me impedem de compreender o protagonismo cultural, geracional ou social dos sujeitos, bem como me levar a compreender o processo de aprendizagem e, assim, compartilhar meus conhecimentos. Foram esses compartilhamentos, relatos de vidas e histórias, que afetaram especial e profundamente os acadêmicos LGBT.

Preciso apontar que, para esse processo acontecer, foi necessário abrir mão de determinadas crenças e elementos produzidos pela lógica moderna. Isso significa romper/lutar e criar uma “certa” vigilância, que me permite, enquanto docente, escutar o estudante e despertar a curiosidade sobre práticas “outras”. Significa permitir que eles interroguem e duvidem de determinadas “verdades”, além de criar estratégias para que critiquem e questionem os discursos produzidos.

Procurei nesse tempo de aprendizagens, período de caminhos e descaminhos na docência, exercitar a prática pedagógica e, principalmente, “estar aberta ao querer bem” meus educandos (FREIRE, 1996, p. 141). Tentei plantar, semear e cultivar a alegria do encontro e da prática docente, mesmo sem saber quais seriam os resultados. Tenho muito orgulho da

minha profissão! E esse olhar me conduziu a crescer, a transformar, a ensinar, a intervir, a cuidar e amar.

Com base em minhas observações realizadas no espaço da instituição, percebo que a cada ano, ou melhor, a cada semestre, um número considerável de acadêmicos LGBT se fazem presentes nos corredores. Foi por intermédio deles que aprendi a conhecê-los, respeitá-los e também me alegrar e chorar com eles. Não sei exatas quantas vezes sentamos, nos abraçamos e choramos no ambiente da instituição. Essas relações de escuta e respeito sempre aconteciam em virtude dos momentos que os acadêmicos viviam, principalmente pelos diferentes tipos de violências enfrentadas por eles.

Antes de continuar descrevendo os elementos introdutórios que justificam a pesquisa com acadêmicos LGBT do curso de Educação Física de uma instituição de ensino superior, preciso apontar que o movimento LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais, “[...] era conhecido como Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). (GOMES; ZENAIDE, 2019, p. 8). Os autores ainda mencionam que o movimento tem pouco mais de quarenta anos de existência e, ao longo desses anos, sofreu inúmeras mudanças, passando de MHB para a sigla LGBT, a qual passou por constantes alterações até chegar ao formato atual”¹.

No espaço do ensino superior, os acadêmicos LGBT buscam a realização de um sonho, principalmente de se tornar um profissional. Nesse espaço, posso registrar que vivemos e experienciamos bons momentos, porque aprendi a conhecer cada um em particular e a compartilhar a alegria, seja nas ações institucionais desenvolvidas nos bairros de Campo Grande/MS, como, por exemplo, no projeto de Responsabilidade Social, seja no simples encontro para comer um cachorro-quente e dar boas risadas.

Nas experiências vividas durante o curso de Educação Física, alguns dos estudantes deixaram marcas de dor e superação, pois houve casos de alguns que tentaram suicídio e um deles, no deslocamento para a faculdade, sofreu acidente de moto e veio a óbito. Ainda nesse

¹ Atualmente, outras letras vêm sendo incorporadas à sigla LGBT, tais como o Q de Queer, que engloba as orientações e identidades sem ter a pretensão de especificar apenas uma delas. Já o I, de Intersex, é um “[...] termo que se refere a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino” (ABGLT, 2010, p. 14). Daí, hoje, temos o uso da sigla LGBTQI+, no espaço acadêmico e nas lutas sociais, já que outros sujeitos identitários buscam visibilidade às distintas pautas de cada um dos grupos e à pluralização do movimento, que ganha novas dimensões e configurações. Contudo, adotamos o uso da sigla LGBT, tendo em vista que, desde 2008, é a utilizada pelo movimento social em âmbito nacional. Disponível em: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 8, n.1, p. 8, 2019.

período de docência, pude acompanhar também um acadêmico acometido por um tumor no cérebro e uma acadêmica por esclerose múltipla², mas ambos superaram a enfermidade.

Se eu fosse descrever todos os casos vivenciados, seriam infinitas páginas descritas, porque a cada ano as histórias se renovam dentro do ambiente de ensino superior. Mas, a partir dessas experiências, posso citar acontecimentos vividos nesse espaço, alguns deles experienciados por discente que, ao ingressarem no curso, vieram marcados pela solidão, tristeza ou outros sentimentos. Ao se relacionarem afetivamente comigo, quando os encontrava no pátio, era visível a felicidade que demonstravam. Outros chegaram dizendo que ouviram de seus familiares, por diversas vezes, que não iriam conseguir prosseguir na faculdade, porém a maioria finalizou o curso. Foi muito gratificante encontrá-los na colação de grau e isso me encheu de orgulho. Houve acadêmicos também que iniciaram com tanta motivação e foram interrompidos por um momento em que foram acometidos por alguma doença, porém retornaram, superaram e conseguiram realizar o sonho da formatura.

Foi nesse contexto, tendo olhares abertos e sensíveis, que aprendi a ser mais humana. Quantas diversidades! Quantas lentes e cores diferentes! Quantas portas precisei abrir para vivenciar com eles os momentos bons e ruins, conforme descrito anteriormente, ou seja, para conhecê-los mais de perto, a fim de que os resultados fossem significativos. Jamais esquecerei todos os momentos vividos como docente em sala de aula, bem como as experiências e as práticas desenvolvidas com os discentes que me levaram a refletir, ressignificar e refazer, para que todos os dias pudesse me tornar alguém melhor durante todos esses anos de aprendizado.

O que tenho aprendido e compreendido no decorrer desse período como professora é que a docência é uma atividade diversificada e abarrotada de dilemas, pelo fato de ser uma profissão, sobretudo humana, ou seja, se sustenta por meio de relações e interações entre seres humanos. “O exercício da docência, atividade própria à atuação do professor, está relacionada à essência do sujeito carregado de valores construídos antes do ingresso na carreira docente, formação e prática do exercício profissional” (FERREIRA, 2017, p. 80).

Posso afirmar que a minha história se mistura a outras e, particularmente no centro universitário, com esses grupos e com as experiências dos participantes desta pesquisa, pois sou uma pessoa que saí do interior e fui conquistar o sonho da faculdade em outra cidade. Trabalhei muito e, por diversas vezes, fiquei sem comer, porque não tinha dinheiro para o

² Trata-se de doença neurológica, crônica e autoimune, ou seja, as células de defesa do organismo atacam o próprio sistema nervoso central, provocando lesões cerebrais e medulares. A causa da doença ainda é desconhecida e afeta geralmente pacientes jovens, em especial mulheres de 20 a 40 anos. Disponível em: <https://www.abem.org.br/esclerose-multipla/o-que-e-esclerose-multipla/>.

lanche, pois este era contado para pagar a mensalidade. Também sofri preconceito diante dos colegas com uma situação financeira estável por eu ser de família pobre. Tive que lutar muito para conquistar o lugar de permanência em que me encontro hoje, como aconteceu também com um número significativo de acadêmicos com os quais convivi com histórias semelhantes à minha.

Conforme mencionam Perosa e Costa (2015), as desigualdades sociais estão relacionadas à classe social, ao gênero, à cor da pele, às condições sociais e à origem geográfica, como também apresentam repercussões em relação às chances de transição e à permanência no ensino superior. Já as características sociais e os acessos privilegiados expressam-se nas possibilidades de escolha e não proporcionam a todos os bens e serviços em disputa na competição social.

Porém, é possível mencionar que nem todos os acadêmicos constroem sua trajetória na universidade da mesma maneira, como também o processo de ingresso não ocorre de modo semelhante, principalmente para esses acadêmicos das camadas populares, que rompem a tradição da reprodução de uma escolaridade de curta duração. Diante da minha história, como a de muitos acadêmicos, compreende-se que cada etapa do ensino superada se constituiu como uma reafirmação da permanência no ensino superior.

Decidir pelo curso de Educação Física foi a melhor decisão que tomei e, ao longo do curso, compreendi que minhas pretensões estavam trilhando o caminho certo e que essa formação trouxe e trará um grande crescimento à minha vida profissional e pessoal, bem como um bom enriquecimento ao meu currículo.

O encontro com as experiências de vida dos acadêmicos LGBT ocorreu a partir da convivência, da observação e da leitura do vivido, porém ao mesmo tempo elas são coletivas no contexto social que me incomodou, oportunizando-me criar um espaço para que essas vozes não fiquem silenciadas. Posso mencionar que tudo foi sendo construído e vivenciado por meio de trocas, a partir da convivência em sala e, principalmente, nas práticas do curso de Educação Física.

Os desafios da convivência dos acadêmicos LGBT na Instituição de Ensino Superior são muitos, mas garantir que esses sujeitos tenham acesso a seus direitos básicos e sejam respeitados e ouvidos, independentemente de sua orientação sexual e identidade de gênero, é um dos elementos fundamentais para a conclusão do curso, em especial do curso de Educação Física.

Apresento esses aspectos ainda que de início, para evidenciar o quanto são presentes, por parte dos familiares e conhecidos, as omissões, os preconceitos e as discriminações com

esse grupo. Quando esses fatores estão relacionados à família, pode-se perceber que eles são as principais causas que levam os homossexuais a desenvolverem transtornos psicológicos e físicos, devido ao fato de provocar neles o sentimento de inferioridade e anormalidade, por meio de palavras e agressões, fragilizando-os, podendo levá-los até mesmo a uma tentativa de suicídio, conforme observado por meio dos relatos dos acadêmicos, especificamente os deste estudo e na instituição que serve de cenário para a pesquisa.

De acordo com Feitosa (2016), outro tipo de expressão do preconceito diz respeito à homofobia institucional, uma forma de reprodução, por ação ou omissão, das condutas homofóbicas exercidas pelas instituições.

Diante disso, os autores Rocha, Martins e Prado (2009) contribuem com seu estudo para demonstrar a dinâmica desse tipo de problema no Brasil. Por meio de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o estudo mostrou que a Reitoria se eximiu de intervir em “trotos” de cunho homofóbico.

O caráter institucional da homofobia também pode ser percebido em diversas pesquisas que analisam o dia a dia e o acesso da população LGBT a direitos fundamentais como Educação, Saúde, Segurança, entre outros. Vieira (2019) colabora para a reflexão apresentando que a opressão sofrida por esse grupo tende socialmente a impedir o acolhimento, como também o sentimento de pertencimento ao espaço acadêmico. Como consequência, muitos discentes precisam lidar com as adaptações à nova realidade e algumas das vezes com o preconceito e a discriminação de docentes e colegas.

Entretanto, para Louro (2008), ainda que a preocupação com temas transversais que discutem sobre a orientação sexual, a sexualidade e a homofobia possa se exteriorizar em alguns âmbitos educacionais, isso não acontece abertamente. Para muitos docentes, esses temas não devem ser discutidos dentro da instituição, ou eles não acreditam que os fatos relacionados a discriminações ocorram dentro do ambiente educacional.

Esta pesquisa, vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais/CNPq, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), surgiu em razão da minha experiência como docente e das vivências realizadas com os acadêmicos LGBT em uma instituição de ensino superior, privada, na cidade de Campo Grande/Mato Grosso do Sul. Entendo a experiência a partir dos estudos de Jorge Larrosa, para o qual “A experiência é compreendida como aquilo que “[...] nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21).

O trabalho está amparado nas experiências de vida de acadêmicos LGBT do curso de Educação Física de uma instituição de ensino superior. Diante disso, busco, enquanto objetivo geral da pesquisa, descrever como os acadêmicos LGBT do curso de Educação Física de uma instituição de ensino superior, em Campo Grande/MS, narram suas experiências de vida e posicionam suas identidades e diferenças. Os objetivos específicos da pesquisa são: a) partilhar as experiências de vida dos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física, buscando identificar os principais acontecimentos que auxiliaram na afirmação de sua identidade; b) identificar, a partir das experiências de vida, os preconceitos e as discriminações sofridas pelos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física.

Foram entrevistados 05 acadêmicos que assumem identidades de gay, lésbica e homem gay. Com base no sigilo, os acadêmicos serão identificados nesse trabalho como: Apolo, Richard, Miss Lister, Henrique e Shana.

Durante o período das disciplinas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB e, posteriormente, no trabalho de campo da pesquisa, muitas foram as inquietações, perturbações e deslocamentos provocados por meio das leituras e discussões provocadas em palestras, encontros no/do grupo de pesquisa, assim como por intermédio de leitura de livros, artigos, teses e dissertações durante as aulas e fora delas. Para a escrita e a análise da produção dos dados, a pesquisa busca enfoque em autores que articulam os conceitos de sexualidade, gênero, identidade e diferença, tais como: Bauman (2005), Hall (1997; 2003; 2004), Louro (1997), Rosa (2004; 2016), Silva (2000), Woodward (2000), entre outros.

A instituição onde ocorre a pesquisa possui cursos de graduação e pós-graduação em nível de especialização, bem como um significativo número de acadêmicos matriculados que circulam pelos espaços, do centro universitário produzindo diferentes identidades e marcando suas diferenças.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa de caráter qualitativo, teve como procedimentos metodológicos para a produção dos dados a realização de entrevistas, via plataforma Google Meet, com os acadêmicos LGBT do curso de graduação em Educação Física.

Posso dizer que o percurso no mestrado foi longo, com grandes aprendizagens, e foram muitas as afinações e desafinações, (re)construindo aprendizagens, olhares e sentidos voltados à Educação e à temática LGBT. Porém, para essa realização, estiveram comigo pessoas importantes que contribuíram para a minha caminhada na dissertação. Motivada pelo professor e orientador Dr. Carlos Magno e por seus comentários, passei então a ter contato

com alguns textos de autores que eu não conhecia, tais como Guacira Louro, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward, dentre outros. Essas leituras provocaram um grande impacto em minha prática profissional e me fizeram refletir sobre as mudanças operadas em nossa sociedade e suas relações com a educação.

Forneceram-me também instrumentos teórico-metodológicos para desnaturalizar as análises sobre os discentes com os quais convivi, fazendo-me ponderar sobre a especificidade do momento em que agora realizava minha prática profissional. Passei a refletir cada vez mais como docente em meio a tantas mudanças. Relatando particularmente a experiência na Instituição do Ensino Superior na qual atuo, passei a questionar cada vez mais minha própria prática em meio a um mundo que se modifica continuamente. O contato com os textos e reflexões de autores que eu desconhecia, alguns dos quais já citados aqui, despertou o meu olhar para os interesses e produções de meus discentes, fazendo-me ver as práticas, incluído aqui o meu próprio fazer a partir de um ponto de vista excessivamente crítico.

Nesse ponto, eu estava cada vez mais dividida entre os meus antigos valores e crenças em relação à educação e às novas exigências, as quais acreditava que seriam necessárias para fazer um ensino de acordo com os novos tempos. Porém, no decorrer desse processo, em nenhum momento estava sozinha em minhas preocupações e angústias.

Esta dissertação, fundamentada em referências teóricas, está organizada em 4 partes. Na Introdução realizo considerações iniciais, ou seja, situo o trabalho de pesquisa.

O primeiro capítulo é intitulado **“as identidades/diferenças de uma professora na produção de um trabalho com acadêmicos lgbt”**

Nele discorro sobre o meu trajeto pessoal, lugar de moradia, meus primeiros anos escolares até a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Dando continuidade, apresento as transformações, as mudanças e as ressignificações que ocorreram com as leituras realizadas durante o Mestrado, bem como a tentativa de registrar as histórias de vida dos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física de uma instituição de ensino superior. São apresentados também os procedimentos metodológicos e os acadêmicos LGBT do curso de Educação Física que contribuíram para a produção dos dados da pesquisa.

No segundo capítulo, denominado de **“Experiências de vida dos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física: identidade e diferenças”** descrevo a experiência de vida dos cinco acadêmicos LGBT do curso de Educação Física selecionados, utilizando sensibilidade e respeito em relação a suas vozes e narrando suas experiências de vida. Destaco o que narram e silenciam esses acadêmicos sobre suas identidades e diferenças que no ensino superior. Essas

narrativas são analisadas a partir das informações obtidas no trabalho de campo, por meio das entrevistas, contextualizando o local selecionado para a pesquisa.

Depois de tomada a decisão sobre o possível objeto de pesquisa e o local em que o mesmo foi pesquisado, compreendi que foi necessário um maior contato com esse local, para que os passos fossem clarificados, permitindo-me um delineamento mais concreto em relação ao objeto. Quão difícil foi a construção do objeto de pesquisa, as dúvidas e conhecimentos foram superando obstáculos que fortaleceram-se até que o objeto de pesquisa e todo o processo que envolvia o que realmente era definido.

O período em que as disciplinas foram cursadas favoreceu a aquisição dos conhecimentos e esclarecimentos de dúvidas, os quais foram permitindo a construção da pesquisa. Algumas dificuldades metodológicas passaram também a ser vividas por mim, por isso, foi necessário participar de grupos de discussão em que tais aprendizagens puderam ser favorecidas e as dificuldades minimizadas.

A partir disso, o estudo me possibilitou apontar argumentos referentes ao processo de construção do objeto de pesquisa. Sendo essa construção a partir da minha experiência e trajetória profissional, como na articulação com as linhas de pesquisa do Mestrado e do orientador. Após esses escritos, passo a realizar as considerações do trabalho de pesquisa.

CAPÍTULO I

AS IDENTIDADES/DIFERENÇAS DE UMA PROFESSORA NA PRODUÇÃO DE UM TRABALHO COM ACADÊMICOS LGBT

Início este capítulo da dissertação com a minha história de vida marcada pelas seguintes características: mulher branca, Cis, heterossexual, profissional de Educação Física, mãe, filha, estudante de mestrado, brasileira, residente no interior do estado de Mato Grosso do Sul, no município de Jaraguari/MS.

Relato que as experiências vividas foram trilhadas com muito amor, desafios e alegrias advindos de momentos da infância. Como na vida nem tudo é felicidade, procuro registrar alguns momentos que me causaram sofrimentos. Ainda neste segmento, apresento os teóricos que me levaram por um caminho longo, reflexivo, para pensar nas minhas diferentes identidades e nas novas percepções de mundo que me cercam como professora, estudante, mãe, esposa, filha, ou seja, um ser transpassado por múltiplas identidades.

Além da história de minha vida, essa parte do texto evidencia a relação que estabeleci ou tenho estabelecido com os acadêmicos LGBT no ensino superior desde 2012.

1.1. Apresentando as identidades e diferenças de um trajeto de vida

Reviver a minha história sob a forma de um memorial requer retomar, a partir da memória individual, os principais fatos que marcaram o conjunto da formação do sujeito e repercutiram nele. Nesse caso, estou escrevendo sobre a minha formação, a qual é resultado do meu contexto familiar, da cultura local, do meio social vivido e das relações que estabeleci e hoje estabeleço com a escola, a universidade e seu processo educativo.

Sou Andréia Cavalheiro de Santana Brandão, mulher branca, Cis, heterossexual, profissional de Educação Física, mãe, filha, estudante de mestrado, brasileira, residente no interior do estado de Mato Grosso do Sul, no município de Jaraguari/MS, conhecida como cidade do cantor Luan Santana, “o gurizinho de Jaraguari”. O lugar é tranquilo, pacato, o povo é acolhedor, e a cidade conta com um número mínimo de ocorrências relacionadas a agressões, desordem, entre outros.

Em 2009, finalizei a graduação no curso de Educação Física na Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, em Campo Grande/MS. Nesse mesmo ano, passei a atuar como

professora na mesma instituição, responsável pela hidroginástica, dança, ginástica e voleibol adaptado, trabalhando com um grupo de idosos pertencentes à Universidade da Melhor Idade/UMI.

Apesar de trabalhar em outra cidade, não me distanciei do meu lugar de origem, o município de Jaraguari/MS. Logo, às 04h30min da manhã, de segunda-feira a sexta-feira, já me encontro “de pé”, me preparando para pegar a estrada, a conhecida BR 163, para trabalhar. Atuo como docente no curso de graduação em Educação Física de uma instituição de ensino superior, em Campo Grande/MS.

Aos finais de semana, conforme minha disponibilidade, realizo atividades voltadas à prática de exercícios físicos com um grupo de mulheres do município de Jaraguari/MS, denominado “Ginástica com Dança”.

Segundo Oliveira *et al.* (2020), a dança sempre esteve relacionada com o exercício de externar os sentimentos humanos por meio dos movimentos corporais, proporcionando muitos benefícios a seus praticantes. Esses benefícios vão muito além dos conceitos físicos, pois essa atividade ajuda na interação social dessas mulheres, que, ao longo da prática, relatam significativos avanços, tanto no aspecto físico como no psicológico, tendo em vista que, com o corpo em movimento, muitas delas trabalham a reconstrução de suas identidades.

Alargando-se os estudos de "textos" corporais para incluir a dança, em todas as suas manifestações, aumenta-se a compreensão de como identidades sociais são formadas através do movimento corporal e codificadas em estilos de dança. (ASSIS *et al.*, 2013, p. 304).

Algumas mulheres que participam do grupo da Ginástica com Dança são depressivas, têm vergonha do corpo que veem no espelho e muitas vezes se sentem frustradas. No entanto, através dos elementos dos ritmos trabalhados, elas conseguem falar de si para outras, que se encontram em uma mesma situação.

É possível afirmar pelos estudos da área que a dança transforma, identifica e estabelece uma relação com o conteúdo emocional, trazendo à tona a expressão do que essas mulheres realmente são, um espelhamento de si, da grandeza interior. Por intermédio dos movimentos, elas veem suas inúmeras possibilidades de ser, se estruturam e se desestruturam, permitindo uma mudança corporal e de atitudes psíquicas para uma melhor qualidade de vida e uma vida mais feliz (EFDEPORTES, 2006, p. 4).

Além de docente no curso de Educação Física e professora do grupo “Ginástica com Dança”, realizo atividade no Quilombo Furnas do Dionísio, por meio do Projeto Saúde em Movimento em parceria com a equipe multidisciplinar “Estratégia e Saúde da Família/ESF”.

Realizo esse trabalho como voluntária desde o ano de 2009 e isso é algo que me dá muito prazer e satisfação em desenvolver.

A motivação para a opção ao curso de Educação Física partiu do meu prazer em jogar, brincar e ingressar em uma arte marcial. Minha infância foi muito prazerosa. Nasci na capital, mas fui criada no interior, onde brinquei muito no fundo do quintal. Meu pai, um comerciante, serviu-me como exemplo de pessoa ativa e de bem com a vida. Minha mãe, enfermeira e dona de casa, foi exemplo de mulher, mas aos 46 anos de idade, veio a óbito em uma cirurgia cardíaca, algo que não foi e ainda não é nada fácil lidar devido a dor da perda.

Meu avô, Sr. Joselito, homem branco, forte, trabalhador do campo e tocador de violão animava os bailes “pé no chão”. Diante da sua sabedoria, sabia muito bem lidar com tudo que a natureza oferecia. Com as raízes das plantas, aprendeu a fazer “garrafadas” para quem precisasse se estivesse com algum problema de saúde tais como: dores nas articulações, hepatite³, infecções, entre outros, e não cobrava nenhum valor. Também foi um dos fundadores do que chamamos de “Jaraguari Velho”, pois o município atualmente recebe o nome de Jaraguari. Já o Velho ficou como distrito. Seu Joselito faleceu em 2019, aos 94 anos e o sentimento de dor e saudade ainda estão recentes em minha mente e na minha alma.

Minha avó, a Sra. Iolanda, mulher negra, sofrida, com a idade de 12 anos foi considerada uma mercadoria, pois foi trocada por medicamentos pela sua mãe. Trago ainda viva em minha memória sua história, que ela contava quando estávamos sentadas no sofá da sala. Perdeu seu pai quando tinha 8 anos e sua mãe ficou viúva com mais uma filha além dela. Esta ficou muito doente e naquele tempo não havia dinheiro suficiente para manter o tratamento. Sua mãe conheceu então um senhor que era “farmacêutico” (era chamado assim, mas não tinha nenhuma formação na área de farmácia como temos hoje). Então ofereceu a minha avó em troca de medicamentos.

Com ele, ela teve quatro filhos. Depois de muitos anos, se separou desse homem e logo depois conheceu meu avô, um homem separado com seis filhos do primeiro casamento. Com o casamento, nasceram mais três filhos e ainda adotaram um casal de sobrinhos. Ela estudou o antigo “normal magistério”⁴, se tornou professora no distrito chamado Bonfim, no município de Jaraguari MS, no qual lecionava quando ainda era a Colônia Japonesa⁵. Segundo

³Inflamação do fígado por causas diversas, sendo as mais frequentes as infecções pelos vírus tipo A, B e C e o abuso do consumo de álcool ou outras substâncias tóxicas (como alguns remédios).

⁴Trata-se de uma espécie de capacitação que, até alguns anos atrás, era bastante comum. A formação era direcionada para quem queria ser professor e integrada ao ensino médio. Ao concluir o curso, a pessoa poderia dar aulas em qualquer fase da formação dos alunos nas escolas.

⁵Colonos japoneses formaram mais uma colônia agrícola, com predominância no cultivo do café, denominada de Colônia Japonesa, localizada em Jaraguari-MS. Essa colônia foi formada com a compra de grande parte da

relatos dos moradores, foi a partir da chegada dos colonos japoneses que se constituiu a colônia agrícola, com predominância do cultivo de café e, tempos depois, essa colônia foi transformada no Distrito de Bonfim, no ano de 1953.

Após sofrer um desenvolvimento com a criação do Distrito de Paz de Bom Fim, pela Lei n. 671, de 11 de dezembro de 1953, retificada pela Lei n. 370, de 31 de julho de 1954, o lugar foi elevado à categoria de município, pela Lei n. 692, de 12 de dezembro de 1953, constituindo-se de dois distritos – o de Jaraguari, tendo por sede a vila de igual nome, e o de Bom Fim, recém-criado. (FERREIRA, 1958. p. 203).

Como fui criada pelos meus avós, aprendi desde cedo o contato com a educação, rabiscando as primeiras linhas. Na infância, eu e meus irmãos sempre praticamos algum esporte e eu possuía um gosto especial pela dança, pela ginástica e pela arte marcial. Dessa forma, durante as atividades escolares, sempre participei das apresentações nas festividades da escola, recitando, dançando, fazendo teatro nas comemorações do dia das mães e em outras datas comemorativas.

Por estudar na única escola do município, considero que esse é um ambiente único. Nela, as pessoas se relacionam, brincam, se machucam, comem e aprendem. As relações construídas e estabelecidas são muito importantes para o estudante nesse ambiente escolar. De acordo com Fernandes (2012), o estudo pode ser considerado como todo o empenho do homem para chegar a ser ele mesmo. Eu sempre fui dedicada, esforçada, sofri em alguns momentos, mas todos os acontecimentos me fizeram uma mulher mais forte, porque um dia precisava chegar até onde estou!

Ainda sobre a escola, recordo que os meus primeiros passos me trouxeram muita alegria, já que circular e conviver em um ambiente educacional é uma sensação diferenciada. Como docente, posso mencionar que essa mesma emoção é muito comum entre as crianças, principalmente no dia de entrar na escola. Reviver esses momentos significou estar diante de uma recente memória.

Minha relação com a escrita e com a leitura no processo educativo foi muito boa, pois sempre estive em torno de jornais e enciclopédias (minha mãe comprou uma coleção inteira). Também assistia a programas de TV quando a televisão ainda era em preto e branco e meus pais sempre fizeram com que eu tivesse oportunidades de vivenciar a escrita. Comecei a

estudar em uma escola estadual chamada José Serafim Ribeiro, a única no município. Ingressei em 1979, com sete anos na 1ª série e fiz até a 8ª série⁶ na mesma escola.

Lembro-me da vestimenta, uma saia azul com “pregas”, blusa branca e meu par de sandálias vermelhas, que passava entre os dedos. Nessa época era de um material parecido com plástico, a famosa Melissa. Sentia-me uma princesa. Era muito agradável auxiliar minha mãe a encapar os cadernos com plásticos coloridos, isso era o maior prazer!, e já imaginando levar o primeiro lanche na antiga “lancheira”. Que tempo bom! Como é prazeroso reviver tudo isso!

Por morar em uma cidadezinha do interior, não havia muita coisa para se fazer, e esse ambiente era único, com boas amizades. Nessa época, ainda se levava fruta ou bolo para a professora querida e todos tinham o maior respeito pelas pessoas, desde o senhor responsável pela entrada dos alunos no portão da escola até a senhora da faxina.

O momento do recreio era aquela correria, porque tínhamos que ficar na fila para receber a merenda. Parece que ainda sinto o gosto na boca da merenda escolar, principalmente a rosquinha servida com leite e achocolatado. Às vezes me pergunto se as crianças de agora têm essa mesma emoção relacionada aos acontecimentos na sua escola.

Outra recordação que surge é da dorzinha inesquecível quando chegava o momento de nos vacinarmos, já que a vacina ainda era aplicada na própria escola, aquela famosa vacina de “pistola”, se não me engano da febre amarela, que fazia os estudantes saírem correndo e chorando de medo. E quando o pai e/ou mãe eram chamados, a situação piorava, porque não tinha para onde correr: ou deixávamos que ela fosse aplicada ou apanhávamos ali mesmo. E na maioria das vezes, preferíamos a marca deixada pela pistola.

O “bê-a-bá” das palavras, ou seja, minhas primeiras leituras foram na cartilha chamada “Caminho Suave”. Havia ainda atividades de passar o lápis preto sobre os pontinhos e escrever no caderno de caligrafia. Já a aprendizagem da tabuada era feita por meio de um livrinho e logo depois a professora chamava os alunos na frente para perguntá-la decor. Quando alguém errava, ficava de castigo, ou tomava uma reguada nas mãos. Algumas vezes o castigo consistia em ficar de frente para a parede, até aprender.

A querida professorinha! Quem nunca levou uma laranja para a professora e ela fez da fruta a sua flecha para atingir o alvo? Ou seja: a cabeça do estudante. Voltando no tempo, fico refletindo como as coisas que eram consideradas boas, atrativas, ficaram no passado.

⁶ Nomenclatura utilizada até 2010, antes da reforma do ensino fundamental.

O tempo foi passando e minha jornada seguiu na mesma Escola Estadual José Serafim Ribeiro. Logo na 5ª série, no ano de 1984, um professor de Educação Física chamado Jose Júlio Junior, considerado ainda jovem, chegou a esse espaço, inovando as nossas aulas. Foi esse então o nosso primeiro contato com as práticas corporais: a ginástica e a dança. O que tinha sido alegria para nós nessas práticas, dois anos depois se tornou um grande pesadelo e muita tristeza, pois nosso professor foi assassinado juntamente com seu filhinho de 2 anos de idade. O fato ocorrido foi noticiado em todos os meios de comunicação da época. Recordo que após esse acontecimento, ficamos um bom tempo sem querer ir para a quadra de esportes.

Como toda criança serelepe, a rua era meu lugar favorito e continua sendo para as crianças que residem no interior, que ainda mantêm esse privilégio de brincar fora de casa. Hoje, os projetos sociais e as escolas trabalham para tirar essas crianças das ruas, situação bem diferente do que já vivi na minha infância.

A rua é um espaço de diversão, liberdade e criatividade, porém, nos dias atuais, foi transformada em um local perigoso, devido a tanta violência com que nos deparamos através dos noticiários todos os dias e, dessa forma, os pais tentam criar seus filhos em “uma redoma de vidro”. Afinal de contas, o mundo mudou, as crianças também mudaram, as brincadeiras, que são de meninos e outras para as meninas, são outras e as redes sociais, o celular e computador são mais atrativos, principalmente no que diz respeito aos *games*, em que os jogadores não precisam mais exercitar o corpo.

Louro (1997, p. 26) escreve que os “[...] sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero”. Ou seja, as identidades são processos de algo que, ao longo do tempo, foram sendo construídas. Sendo assim, quando nos referimos ao gênero nessa diversão, essas brincadeiras muitas vezes contribuem como um dos primeiros disparadores de desigualdades relacionadas ao sexo feminino e masculino, uma vez que, no âmbito escolar ou às vezes no familiar, é instruído que existem aquelas atividades que são somente para os meninos e outras para as meninas.

O que se pode perceber é que é comum incentivar essa diferença desde a infância. As meninas, logo cedo, são presenteadas com objetos que se referem ao meio doméstico e à maternidade, tais como fogão e boneca, indicando que elas devem se dedicar à realização de tarefas do lar, enquanto os meninos são presenteados com chuteira e carrinho, entre outros, dando a entender que meninos são aventureiros e devem se dedicar à prática de esportes. Utilizando de outras palavras, a infância produz, nos dias atuais, um outro tipo de sujeito infantil. Um sujeito com valores históricos, culturais e sociais, entretendo Campos e Vieira

(2016, p. 39) mencionam que, ao falar de criança, “[...] não cabe mais [*pensar*] uma ideia de infância singular, única e homogênea”

Portanto, entendo que nossas brincadeiras como jogar bola, queimada, pega-pega, soltar pipa, subir no pé de manga, no pé de goiaba, fazer boneca de abóbora, vaquinha de bucha verde, ir para a cachoeira, pescar, montar a cavalo em pelo, chupar cana, disputar corrida, brincar de esconde-esconde eram realizadas todas em conjunto, Não me recordo em nenhum momento uma separação de gênero entre as brincadeiras. A divisão, a separação, assim como as classificações dadas às brincadeiras e ao corpo são hoje impostas pelo pensamento hegemônico, que constrói discursos padronizados.

Em minha adolescência também não tínhamos muito o que fazer e a melhor coisa era ir para a cachoeira e tomar tereré. Não saíamos para outro lugar, sempre com os mesmos amigos da escola. Considero que a escola era o nosso melhor ambiente, logo ficávamos contando nos dedos a hora de chegar a segunda feira para estar lá! Era um espaço onde todos estudavam, se divertiam com a turma, cantavam no recreio, entre outros.

Em 1986, fui cursar meu Ensino Médio no Colégio Latino Americano, em Campo Grande. Conforme já escrito, saía todos os dias de ônibus da prefeitura de Jaraguari para ir à escola. Recordo que o ônibus era muito velho e, algumas vezes, quando estava retornando para casa, ficávamos na estrada devido às falhas mecânicas. O nosso motorista dividia os estudantes por grupos, para pedir carona para volta para casa. Em alguns momentos, retornávamos com o ônibus universitário do município de Bandeirantes/MS, que também não era um veículo novo. Algumas vezes aconteceu de se inverter a situação, mas ninguém reclamava, já que para nós tudo se tornava uma emoção!

Nessas idas e vindas, fizemos amizade com os estudantes do outro município e, no decorrer do ano de 1988, iniciei um relacionamento com um desses estudantes. Fomos nos conhecendo, na época ele fazia a faculdade de História na antiga Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso/FUCMAT, hoje Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Namoramos por quatro anos, nos casamos e tivemos um casal de filhos.

Diante desses fatos, em relação à escolha pelo curso de Educação Física, não me recordo o momento exato, apenas me lembro que, na época do vestibular, eu tinha a certeza da opção. Mas meu avô dizia para eu fazer Direito, pois era uma profissão mais valorizada, mais respeitada e eu poderia conhecer muita gente importante, atuando nessa profissão.

No entanto, ainda assim optei pela Educação Física e foi a partir dessa escolha que me tornei a profissional que sou hoje. Meu avô, o senhor Joselito Pinto, tornou-se um dos

meus maiores incentivadores e também uma das pessoas que me estimularam a seguir a vida acadêmica, mesmo não sendo o desejo dele, mas respeitou a minha escolha profissional.

A partir de 2006, foram quatro anos de muito aprendizado na minha graduação no curso de Educação Física na Universidade Católica Dom Bosco, município de Campo Grande/MS. Quando ingressei na universidade, eu tinha muitos questionamentos, dúvidas e incertezas relacionadas à educação. E para enfrentar essas questões, tive que validar e reconhecer as descobertas durante a minha jornada na graduação, as quais me permitiram sonhar com uma prática que viesse mudar a vida das pessoas e isso me trouxe realização. Entendi que queria continuar estudando e me atualizando, além de buscar a pós-graduação a fim de expandir horizontes no âmbito da educação.

Procurei então na universidade em que me graduei a possibilidade de ingressar na pós-graduação *lato sensu*. Já há um ano e meio estando envolvida em disciplinas e pesquisa, fui apresentada a um universo de saberes completamente distantes da minha realidade universitária e esse período foi muito produtivo. Tudo que me era intuitivo e grosseiro foi se tornando fundamentado e aprofundado. É esse momento que estou vivenciando enquanto mestranda e é com esses saberes que pretendo dialogar no futuro.

Alguns desses saberes foram construídos durante a convivência com os acadêmicos e, conforme essa convivência foi se expandindo, minhas aulas foram sendo agregadas com as experiências conquistadas e, gradativamente, têm sido modificadas conforme a necessidade, buscando sempre uma relação entre o que é exposto e os exemplos concretos da vida real dos alunos. Entendo que o saber não é apenas possuir conhecimento, mas é possibilitar que este seja aplicado em um determinado campo, que pode ser transformado em experiências.

Um saber pode ser construído pela observação da realidade ou pela intuição, portanto penso que cada docente tem saberes próprios, aprendidos ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional, adequados a cada nova situação vivenciada e que se transformam, de acordo com a relação que se estabelece com uma classe social.

Saberes também são construídos por intermédio da convivência na pós-graduação, com alguns colegas homossexuais e docentes homossexuais. As angústias causadas pela procura do entendimento do outro me levaram ao encontro mais próximo das suas experiências de vida e exigiram um exercício intenso de compreensão, um mergulho profundo na alma do outro, mesmo que esse outro fosse constituído de complexidades e vivências bem diferentes às minhas.

Assim, nos projetos da extensão universitária, tive a oportunidade de convivência e formação de vínculos de empatia e amizade com gays e lésbicas, dentro de um espaço de expressão, onde esses sujeitos pareciam ter voz, brilho e autoestima.

Essa convivência, que também foi se construindo durante minha experiência como docente no ensino superior, posso afirmar que enriqueceu minha existência através desses elos emocionais, que me permitiram conhecer, em maior profundidade, as dores e alegrias da diversidade humana, proporcionando-me uma vivência ilustrada com lágrimas, risos e criatividade, ainda que esse solo do ensino superior não fosse imune aos padrões de uma sociedade considerada machista, heteronormativa e colonial.

A escola é o espaço em que as diferenças e a pluralidade de pensamentos que ainda não dialogam. Conforme menciona Santos (2001, p. 28), temos “[...] o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito a ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza”. Desse modo, podemos compreender que as instituições de ensino, através da gestão da prática pedagógica, devem observar e fazer o possível para combater os estereótipos negativos, propondo, assim, a aceitação das diferenças. Sabemos que isso é um desafio, mas que necessita, de fato, de uma ampla discussão.

Assim, por meio da pós-graduação e da experiência no centro universitário, creio que foi idealizada em mim a sensibilidade à diferença. O sentido de mudança que atravessava minhas ações, tanto como acadêmica quanto docente, era exatamente este: de enxergar o outro na totalidade de sua dignidade, considerando as suas dores, angústias, doenças e dramas. Por isso, considero que o profissional deveria estar preparado para atender a todos com respeito e competência. Entendo que se “as discussões ocorressem através dos docentes, certamente eles garantiriam o respeito e a participação conjuntamente, com a finalidade de desconstruir a discriminação e os preconceitos”. CASTRO (2020, p. 19).

Ao observar essas discussões sobre a diversidade sexual, volto-me aos estudos da pedagogia do oprimido na reflexão docente, na qual Freire, (2014, p. 60) defende: “[...] saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”. Diante dessa prática, o docente estaria atento aos movimentos da atualidade, também com olhar às subjetividades individuais e coletivas, das quais necessitam estar cientes com o respeito e a autonomia de ser.

Portanto, ao decidir seguir minha formação profissional, a partir de um mestrado em educação, enquanto primeiro passo para o desenvolvimento de futuras discussões e reflexões que possam ser utilizadas como ferramentas para sensibilização e capacitação profissional no

respeito à diversidade, o tema da população LGBT no espaço universitário se tornou extremamente atrativo.

Na Universidade, pude participar de diversos projetos de pesquisa e extensão que eram ofertados aos acadêmicos do curso de Educação Física, e neles descobri atividades que adoraria chamar de profissão. Posso aqui citar alguns como: Academia Escola⁷, Projeto Segundo Tempo⁸ e Projeto Associação Pestalozzi⁹. Esforcei-me muito para isso e foram esses projetos que me levaram a ir além do que eu imaginava, pois me tornei professora na mesma instituição, atuei com o grupo de idosos da Universidade da Melhor Idade/UMI¹⁰. Essa experiência de ensinar foi muito importante na minha formação docente, pois minha prática pedagógica foi e continua sendo construída no decorrer de cada dia, juntamente com os estudantes e com a participação em cursos, oficinas, congressos, encontros entre outros.

Isso apenas reforça que a formação de professores é produzida em inúmeros espaços, “em consequência das numerosas transformações sociais, exigindo dos profissionais sempre atualização e busca de novos conhecimentos”. LIBÂNEO (1999, p.262) Sendo assim, a formação inicial não preenche todas as questões a serem desenvolvidas nos espaços escolares, muito menos se esgota com as discussões e conteúdos a serem transmitidos.

Desse modo, estar em contato com o local em que se pretende atuar é muito significativo, pois permitirá que o acadêmico obtenha experiências e vivências muitas vezes não repassadas somente na graduação e no decorrer dos estágios obrigatórios, proporcionando-lhes desenvolver suas futuras práticas e aperfeiçoá-las a partir dos conteúdos estudados nas disciplinas vistas nas universidades.

Em consonância com essa discussão, observo o quanto é importante que os futuros professores cooperem com a formação social a partir dos conhecimentos adquiridos na graduação, sendo um ponto importante reforçar que as ações de extensão favorecem a aprendizagem, pois nos espaços escolares e institucionais a educação tem um papel importante na preparação de conhecimentos, contribuindo para o entendimento acerca da

⁷ O projeto de extensão ofertava aulas de musculação, ginástica e hidroginástica aos acadêmicos da Universidade e comunidade em geral.

⁸ Atividades esportivas gratuitas onde atendia crianças carentes dos bairros próximos a Universidade UCDB com idade de 06 a 12 anos.

⁹ É uma instituição sem fins lucrativos, que atende crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual e/ou transtorno neuromotor.

¹⁰ Proporciona uma melhor qualidade de vida para quem tem mais de 50 anos, integrando-os à sociedade. As atividades desenvolvidas para os idosos participantes deste programa se estruturam em quatro módulos, Iniciante, Básico e Integrado com duração de dois anos, e o Permanente, que é o último a ser realizado. Os módulos são organizados em aulas e atividades de Português, Espanhol, Informática, História Regional, Nutrição, Saúde do Idoso, Danças Coreografadas, Biodança, Hidroginástica, Hidroterapia, Psicologia Intergeracional, Artesanato Social, Atividades Físicas e Jogos de Mesa. O Programa de Ação Comunitária teve seu início em 1998 com a participação de 30 idosos, hoje conta com mais de 200 participantes.

cidadania, dos direitos, além de conhecê-los e fazer com que eles sejam válidos. (PEREIRA, 2016).

Posso afirmar que a instituição de ensino superior me trouxe grandes alegrias, já que fiz amizades, tanto com os colegas de turma, como também com professores que, ainda hoje, considero alguns deles meus amigos. Atrevo-me a dizer que nesse espaço vivenciei muitos dos aspectos sociais que nunca havia vivido tão intensamente na escola. Creio que o professor “[...] é um eterno aprendiz, pois os conhecimentos se renovam todos os dias e a todo instante, daí a importância de entender que estamos em constante processo de inacabamento”. (FREIRE, 2019, p. 25).

No ano de 2012, minha atuação como docente em uma faculdade se iniciou, ao atuar nas disciplinas voltadas à formação de licenciados, como por exemplo: ginástica geral, ginástica rítmica e artística, atividades rítmicas e expressivas, além de dança, lutas e a didática da educação física escolar. Além das aulas, tenho a função docente de supervisão de estágio, projetos de extensão e orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Nesse ambiente do centro universitário, descobri que poderia haver prazer em trabalhar. Apesar das minhas idas e vindas, que se tornaram cansativas, havia também crescimento pessoal e o resultado pela maneira como os discentes são atingidos pelo meu trabalho, trazendo-me momentos de muita alegria.

Eu, particularmente, considero a sala de aula um ambiente agradável, onde me alegro em ajudar pessoas a atingir seus objetivos e sonhos. Por isso decidi me tornar professora. E essa experiência como professora universitária me provocou a necessidade de aprender e ter acesso a outras informações, saberes e conhecimentos. Assim, a partir dessa necessidade, no segundo semestre do ano de 2020 decidi participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado na Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB).

Com a entrada no PPGE/UCDB, ocorreram muitas mudanças que se fizeram presentes muito na forma de ver e compreender os contextos, os sujeitos e as situações vividas na docência. O significativo envolvimento na área da Educação fez com que eu tivesse interesse a pesquisa do mestrado. Logo, nos primeiros dias de aula, após um encontro com meu orientador, muitas conversas ocorreram e tive a oportunidade de relatar o que me chamava a atenção na universidade.

O professor doutor Carlos Magno sugeriu que déssemos continuidade ao estudo na área da Educação Física, relatando as minhas experiências com os acadêmicos LGBT, momento em que me faz refletir no sentido de que, no seu modo de entender, no desenrolar dos anos o professor vai encontrando seu jeito próprio de dar aula. No começo, ele imita

alguém, é inseguro, recorre a livros para sentir segurança, mas, com o tempo, vai adquirindo experiência.

Percebi a possibilidade de ser mais do que uma professora, uma educadora, já que os acadêmicos me ensinam, me desafiam a cada dia, me levam a uma reflexão constante sobre a minha prática. Isso faz com que eu estude, pesquise, busque novas estratégias para ensinar.

Compreendo que a instituição de ensino superior é um espaço de crescimento pessoal e profissional e que representa uma confiança e uma competência. Creio que o meu relato profissional indica que as pessoas amadurecem tanto no lado profissional onde estão inseridas quanto no lado pessoal.

Hoje, como docente e estudante de pós-graduação *stricto sensu*, compreendo que toda a trajetória vivida e suas relações profissionais, de ideologia, de cultura, de crenças, entre outros aspectos, derivaram, em sua grande parte, de um processo educacional vivido e de uma atuação que considero gradativa, advinda por meio do trabalho de inúmeros professores, desde a escola primária até a formação no ensino superior.

Sendo assim, em todos os momentos, quando estou ministrando minhas aulas e, quando estou trabalhando em sala de aula ou nas atividades práticas, fico concentrada naquela situação. Aprendi a valorizar o saber e o conhecimento como mecanismos que permitem a comunicação e o diálogo. Mesmo diante das noites mal dormidas e do cansaço, a motivação para trabalhar e o prazer em ministrar aulas são peças chave na realização profissional.

Os estudos, as leituras, as observações e reflexões, me fizeram construir um novo olhar em relação ao meu modo de ser como docente e pesquisadora, reavaliando conceitos já estabelecidos, intervindo na construção de possibilidades de articular as relações de gênero com os/as acadêmicos, na medida em que tive a oportunidade de me aproximar de suas culturas e de suas histórias.

Acredito que, dentre tantos ganhos, a construção de novas e diferentes aprendizagens me motivam por meio das curiosidades, indagações e experiências de vida dos discentes, juntamente com minhas inquietações, problematizações e desafios.

Diante dos estudos realizados nos grupos de pesquisa, menciono os estudos de Hall (2005), que aponta a diferença como o ponto que liga a formação do sujeito à sua identidade. Ou, expressando de outra maneira, a identidade (religiosa, de gênero, profissional, sexual, dentre outras) se estabelece através da determinação da diferença ou por meio dela.

Desse modo, sustentando-me no exemplo do autor, o sujeito é branco porque não é negro, é mulher porque não é um homem, etc. A princípio, a identidade se configura como algo facilmente marcado por aquilo que se é. Silva (2010, p.75) chama a atenção afirmando

que a identidade é “[...] o ponto original relativamente ao qual se define a diferença”. Assim, conforme, esse autor, esse pensamento demonstraria a tendência que temos em tomar aquilo que somos como referência ou norma para avaliarmos e representarmos os diferentes, ou aquilo que não somos.

Diante disso, considero que um dos maiores desafios do ensino superior é garantir o respeito às diferenças sociais, culturais e individuais. Observo que as diferenças e as desigualdades estão dispostas em várias dimensões, pois se revelam algumas vezes até mesmo dentro do próprio curso como o de Educação Física em questão. Essas desigualdades sofridas pelos acadêmicos LGBT acontecem, porque simplesmente a instituição não está preparada para atender as diferenças existentes entre eles. Mesmo com esse espaço tão rico, muitas vezes diferentes situações passam de forma habitual e não são questionadas, contribuindo, dessa maneira, para espalhar diferentes formas de discriminação, preconceito, exclusão e desigualdade.

Refiro-me a essa última como aquilo que seja de ordem do desigual, da diferença. Refiro-me a ela como algo que faz parte de nossa condição humana, de não sermos iguais em nosso jeito de existir e de nos manifestarmos.

Dessa forma, não podemos julgá-la, muito menos utilizá-la como justificativa para um tratamento discriminatório ou injusto para com o outro, consequência do valor ou do desvalor que lhe tenham sido preconceituosamente concedidos. Assim, cabe apenas reconhecê-la e respeitá-la e não confundi-la com a injustiça. Devemos de fato, defendê-la de injustiças.

1.2. Entrei no mestrado em Educação! Novas identidades docentes e olhares surgiram.

Considerarei pertinente me envolver em um projeto tão importante como o mestrado para compartilhar algumas das minhas experiências com a comunidade LGBT dentro da universidade, pois vivi e vivo inúmeros sentimentos e emoções que possivelmente possam contribuir para a comunidade científica. Costumo dizer que para ingressar no mestrado tive que conversar com vários colegas, os quais já tinham passado por esse momento e, quando chegou finalmente a minha vez, confesso que fiquei muito ansiosa e apreensiva, pois a maior dificuldade foi a de entender os mecanismos de funcionamento do processo, sobretudo em se tratando de uma universidade como a UCDB.

Não que eu não conhecesse a instituição, afinal, passei a minha parte de formação da graduação e especialização nesse local, mas as informações são variadas, fragmentadas e,

muitas vezes, difíceis de entender. Por isso havia aquele receio misturado com medo de me achar incapaz para entrar no mundo da pós-graduação.

Ao chegar à universidade para o primeiro dia de aula, conhecer os docentes e colegas foi muito bom! Foi uma satisfação estar ali naquele momento, pois estava diante de professores acolhedores e sensíveis com os acadêmicos. Nesse ambiente, os colegas não me conheciam, muito menos a minha história. Após esse primeiro momento positivo, vieram as apresentações. Recordo que fiquei ali observando e escutando a fala de cada um, então comecei a pensar e imaginar sobre mim, sobre fatos e aquilo que estava à minha volta.

Quando eu pensava que já tinha uma opinião formada, logo na aula seguinte tudo mudava e se transformava. Mas quando vieram as primeiras leituras, reflexões e compreensões, logo bateu o medo e a angústia, situações que eu nomeio como “vários pontos de interrogação”. Não foi fácil! Durante as leituras realizadas, as dificuldades eram grandes por eu não conhecer os teóricos que ali se apresentavam para mim, pois eram autores e textos difíceis de ser compreendidos. Assim, iniciou-se toda uma desconstrução de um ser que, antes de entrar no campo da pesquisa, preocupava-se apenas com leituras de sua área de atuação.

Assim, identificar aqueles professores que estabelecem a possibilidade de mudança de estilo de pensamento, no sentido de construir outra prática docente que não seja a repetição irreflexiva do seu fazer pedagógico, é necessário para se estabelecerem outros fazeres pedagógicos. A cada aula, palestras, grupos de discussões, tudo se renova para melhor. (FRANCO, 2016).

Como escreve Cortella (2007, p. 9) “Não nascemos prontos! ” O autor, nos leva a refletir que nascer sabendo seria uma limitação, porque nos obriga a apenas repetir e jamais a criar, inovar, refazer, modificar, reinventar. Seguindo com a reflexão do autor, os ensaios que tratam de temas como acomodação, flexibilidade para as mudanças, pressa característica do mundo atual e aceleração do cotidiano mostram que, quando estamos insatisfeitos, somos capazes de inovar, mudar e nos construir aos poucos, pois o grande desafio humano é não nos satisfazermos com as coisas como elas estão. (CORTELLA, 2007). Portanto, o Mestrado em sua trajetória foi um pouco de tudo isso.

Nesse sentido, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UCDB) permite uma transformação de pensamentos, um olhar mais crítico em relação a como ver o outro e como o outro me vê, promovendo o estabelecimento dessas e de outras reflexões no sentido do amadurecimento profissional como um todo. Esse momento favoreceu a compreensão da construção de minha identidade que se encontra em constante transformação:

Pensar a construção da identidade dos sujeitos é algo bastante complexo, pois os seres humanos são submetidos a constantes interações sociais, que os formam no que diz respeito a sentimentos, ações, ideologias, pensamentos etc. Essa cotidianidade, vivida no coletivo e na individualidade, permite que se assumam posturas diante da experiência nos vários espaços sociais (MIZAEL; GONÇALVES, 2015, p. 2).

Em alguns momentos, as discussões durante as aulas se tornaram um pouco tensas e complicadas, porque estávamos com aulas remotas devido à pandemia da COVID-19. Muitas vezes todos queriam falar ao mesmo tempo. Posso mencionar que eram colegas e pessoas diferentes, com pensamentos diferentes e também com olhares diferentes no momento de entender as entrelinhas que os textos nos apresentavam. Algumas vezes me sentia retraída em relação a fazer qualquer comentário, principalmente porque ali, bem à minha frente, os professores e os colegas podiam não concordar com minha compreensão relacionada às leituras em discussão.

Para Veloso (2014, p. 21) menciona que “no decorrer do mestrado, aquilo que por mim era dito como único e verdadeiro passou a ser questionado, já que havia a todo o momento uma grande desconstrução de pensamentos em direção a uma nova construção de conhecimentos.” Episódios que anteriormente não faziam sentido, talvez por terem sido ignorados, passaram a ter um significado a partir das leituras, análises e reflexões mais aprimoradas, respaldadas teoricamente, como também por meio das trocas de vivências com os professores, professoras e colegas.

Recordo que, na primeira conversa com o meu orientador, ficou acordado de eu rever o tema de pesquisa, pois a proposta que havia submetido ao processo seletivo causou preocupação devido ao tempo que deveria ter para iniciar a construção da pesquisa. Ele me auxiliou a compreender que o meu tempo era no meu local de trabalho, devido as horas que permaneço na instituição, portanto não haveria disponibilidade para a proposta ser realizada.

Assim, o professor Carlos Magno me deixou muito à vontade para buscar um tema que se aproximasse da minha prática profissional. Após esse primeiro contato, houve as primeiras desconstruções. O orientador em nenhum momento me disse “faça desse jeito ou do outro jeito”; ao contrário, no momento da nossa conversa ele foi perguntando a respeito do meu trabalho, o que eu gostava de fazer, minha experiência como docente e o que no espaço universitário me chamava a atenção. Dessa forma, me deixou bem tranquila para escolher outro tema. Lembro que suas palavras eram: “tenha foco” e “acredite que você consegue”, então percebi, a partir da primeira conversa, que esse professor tinha “aquele olhar” diferenciado sobre seus alunos.

No processo de seleção do mestrado, a proposta de pesquisa estava voltada ao Quilombo Furnas do Dionísio, no município de Jaraguari/MS, por fazer parte do município onde resido e essa comunidade, já há alguns anos me permitiu realizar um trabalho na área da Educação Física. Desse trabalho, pude contribuir com a comunidade e publicar os relatos de experiência que partiram dele em um pequeno texto intitulado “Pense Dance” – Ginástica com Dança com os Quilombolas Furnas do Dionizio, publicado na IV Mostra Nacional de Experiências na Atenção Básica/Saúde sob o tema Saúde da População Negra na Família, na cidade de Manaus, em março de 2014.

Assim, em 2020, o trabalho em forma de resumo, intitulado “Ginástica com Dança” com os Quilombolas Furnas do Dionizio”, foi apresentado e publicado no 18º Congresso Científico Latino-Americano da FIEP e no 18º Congresso Científico Brasileiro da FIEP “Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino”, o qual foi realizado durante o 36º Congresso Internacional de Educação Física – FIEP/2021. Diante disso, surgiu a proposta para o mestrado, tendo em vista o trabalho desenvolvido há bastante tempo no local.

A pesquisa durante o Mestrado me levou à reflexão sobre o peso que tem para o ensino a formação dos professores na área de educação e sobre a possibilidade de construir outro estilo de pensamento. Toda semana, tudo se renova em meus pensamentos e, mesmo vivenciando vários momentos de insegurança, dúvidas e tensão, entendo que a formação docente necessita ser constantemente repensada e revista.

Estou certa de que a pós-graduação em Educação permite isso, uma vez que o desafio que tenho à frente é a escrita da dissertação, de modo a produzir o resultado da minha pesquisa acadêmica, contribuir para o programa e legitimar, portanto, a formação recebida ao longo dos últimos dois anos. Assim, a educação, os dilemas e o prazer de estar em sala de aula continuam em mim e a experiência no mestrado produziu mudanças na forma de eu perceber o mundo e a mim mesma. Percebi na linha de pesquisa como uma experiência produziu resultados compreendidos no desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, mudanças de atitude e de postura.

Pude também refletir e avaliar a experiência, a partir das mudanças produzidas em minha vida, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. A vivência no PPGE e a atuação como docente no ensino superior, convivendo com os acadêmicos LGBT em questão, me permitiram ter um “novo olhar” diante desse grupo e, de certa forma, isso também produziu mudanças na identidade social desses acadêmicos, pois eles perceberam que passaram a pertencer a um espaço constituído por um conjunto de pessoas que se diferenciam de outras

por determinadas características, proporcionando, na maioria das vezes, sentimentos de bem-estar e fortalecendo-lhes a autoestima.

Todos esses sentimentos despertados por intermédio das leituras, das discussões e a da experiência foram consideradas como geradoras de satisfação, me levando a ser mais confiante e me possibilitando obter ganhos na carreira, nos aspectos pessoais e científicos. O mestrado contribuiu para me retirar da sensação do conforto dos saberes profissionais que eu já possuía.

Sendo assim, me fez tomar consciência de novos saberes, levando-os para adiante, libertando-os, abrindo caminho para a responsabilidade e para a minha autonomia profissional. Isso me faz refletir sobre a questão de que o docente deve buscar uma visão mais humanizadora ao conduzir novos conhecimentos voltados para os problemas atuais que estão marcados pelas questões sociais, como é o caso da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, e Transexuais).

Freire (1996, p. 52), quando escreve “Pedagogia da Autonomia”, defende que:

[...] ensinar exige o querer bem dos educandos. E o que dizer, mas, sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo.

O autor menciona que ser professor exige querer o melhor dos seus discentes, torcendo para que tudo dê certo para eles e acreditando neles.

Muitos pensam que não podem ser um professor sério e afetuoso a mesmo tempo. Querer bem um discente significa querer vê-lo melhor sempre. Isso influencia a minha prática, porque se eu quero ver o melhor, eu ensino, trabalho, me organizo melhor e uno a seriedade docente com a afetividade, afinal todos nós gostamos de ser bem tratados e respeitados.

1.3. Quem me ajudou nessa produção? Os autores que me auxiliaram nesse texto da pesquisa

Sabia de que teria alguns desafios pela frente e em nenhum momento considerei que seria fácil, mas que também não seria impossível e deveria persistir sempre. Entendi que seria uma trajetória na qual a única expectativa do resultado seria eu mesma, haja vista a forte influência teórica dos autores acessados durante a caminhada no mestrado. Mas, à medida que

a narrativa avançou, foi prazeroso compreender como essa construção foi ocorrendo e as implicações complexas da realidade para o delinear do estilo de pensamento hoje existente.

Dessa maneira a construção deste trabalho é uma reflexão sobre a relação entre identidade e diferença, gênero e sexualidade, a partir das divergências e das diferenciações que se estabelecem no espaço universitário de um grupo de acadêmicos que fazem parte da comunidade LGBT do curso de Educação Física nas aulas de dança. Essas diferenciações e conflitos foram percebidos a partir do olhar e da convivência dessa professora em suas aulas.

De acordo com Lanz (2014), o sexo biológico de uma pessoa é determinado conforme o seu aparelho reprodutivo, ou seja, refere-se a alguns elementos do corpo que determinam se essa pessoa é macho ou fêmea. Assim, temos algumas pessoas do sexo feminino com vagina/vulva, algumas pessoas do sexo masculino com pênis e pessoas intersexuais¹¹, casos raros em que existe genitália ambígua¹² ou ausente.

Seguindo com o pensamento do autor, esses atributos, identificados logo no nascimento, não influenciam os outros aspectos, podendo citar como exemplo o gênero, que se refere às produções sociais de identidade. Essa identidade de gênero tem a ver como as pessoas se identificam com determinada identidade, sem interferência do seu sexo biológico (LANZ, 2014).

Conforme escreve Beauvoir (1980, p. 99), a definição de performatividade, que pressupõe que as características requisitadas no estereótipo masculino e feminino não são naturais, ou seja, adquiridas ao nascer, mas vêm sendo construídas diariamente, por meio de ações culturalmente definidas.

“Porém, aqueles que não os cumprem com esse estereótipo são punidos pela sociedade”, ou seja, uma repetição da cópia baseada nas reorientações do original, mas ela ainda está sendo parodiada (BUTLER, 2012, p. 138). A não adequação da identidade de gênero e a busca por compreender o seu lugar diante do espectro de gênero faz com que aperfeiçoemos com ações dia após dia até atingirmos a aparência do que sempre foi compreendido como correto.

Dessa maneira, o gênero é uma série de atos estabelecidos pela sociedade para o corpo feminino e para o masculino. Há uma determinada quantidade de atos que podem ser

¹¹Intersexo são todas aquelas pessoas nas quais os fatores que definem o sexo biológico – cromossomos, gônadas, hormônios e órgãos externos e internos – está variado em condições diversas, tornando difícil a classificação binária de seu sexo biológico (em sexo feminino ou sexo masculino). <https://www.grupodignidade.org.br/#>

¹²Genitália ambígua é o termo utilizado para designar bebês que nasceram com uma Anomalia de Diferenciação Sexual, também conhecida pela sigla ADS. Nessa condição, há uma alteração no desenvolvimento dos genitais, que faz com que seja muito difícil identificar, com absoluta certeza, a qual sexo esse bebê pertence. <https://www.grupodignidade.org.br/#>

entendidos como performance, e cada vez que esse corpo faz uma performance para aquele ato considerado normal, vai se ratificando o gênero. Podemos citar como exemplo a ideia difundida socialmente de que homem não pode chorar, pois tem que ser forte e, assim, ele vive realizando essa performance para responder ao estilo estabelecido, ou seja, essa forma que a sociedade considera como a essência de ser homem.

Então, o corpo se constitui por meio de uma linguagem corporal daqueles atos que são repetidos, aqueles atos sequenciais. Outro exemplo que pode ser citado é o fato de que, desde criancinha, a menina vai aprendendo que não deve expor seu corpo, diferente do que é ensinado ao homem, que aprende que deve ter o corpo másculo e à mostra. Nesse caso, o homem vai se encaixando em diferentes papéis ou funções sociais e, se não tiver a performance do macho que se espera, ele se desloca do gênero masculino.

Segundo Jesus (2012), “a construção da identidade de um sujeito não pode ser definida apenas pelo fato de ele ter nascido com determinado órgão genital, mas também pelas experiências que alcança a partir das suas relações sociais”. Isso equivale a dizer então que cada ser humano constrói a sua identidade de acordo com as suas experiências de vida, bairro que morou, a escola que estudou, ou seja, tudo aquilo que a pessoa vivenciou constrói a sua identidade. Por esse motivo, ninguém é igual a ninguém, nem tem a mesma identidade porque ninguém fez exatamente as mesmas coisas que os outros.

Menciona Louro (2000,p.09)“Que identidades são, afinal, marcadas? Aquelas que são diferentes - é a resposta imediata. Mas diferentes em quê? Ou melhor, diferentes ... de quem?” O fato de o outro ser diferente de mim, fazer escolhas diferentes das minhas, não significa que ele não precise ou não mereça respeito e não seja digno de direitos. Então, há tanto identidade quanto há diferença, pois trata-se de uma criação constante. Existe um momento diferenciado para que ambas venham a existir? A identidade foi criada aqui e a diferença foi criada em tal momento? Não! A identidade e a diferença estão em construção constante, todos os dias estão sendo construídas, no entanto a sociedade continua cheia de preconceitos.

No decorrer do mestrado foram muitas leituras que me levaram a refletir sobre essas identidades e diferenças, e a produção teórica durante esses dois anos consultada, convidou a uma reflexão crítica, pois a abertura para o mundo pode apresentar-se como antídoto aos posicionamentos inflexíveis, excludentes e preconceituosos no ensino superior e da sociedade, particularmente no contexto político nacional atual, até muitas vezes contraditório em relação à valorização das diferentes culturas e diferentes modos de viver.

Desse modo, a sociedade estipula um modelo como sendo padrão, ou seja, o certo, e as pessoas têm que se enquadrar dentro desse modelo. Portanto, essa sociedade impõe uma identidade igualitária de acordo com a cultura em que o sujeito está inserido no momento histórico atual. No entanto, se o sujeito tenta se expressar e se portar de forma pessoal, corre o risco de sofrer uma exclusão, sendo visto, muitas vezes, como um indivíduo de segunda classe por pensar e agir diferente daquilo que é rotulado como normal. Assim, aquilo que não é idêntico ao que é estabelecido, acaba não sendo reconhecido e a pessoa acaba sendo discriminada. (LIMA JUNIOR, 2015).

Conforme Lima Junior (2015), a religião, os costumes e as tradições têm uma tendência a aceitar somente aquilo que é tradicional, valorizando uma única identidade, o que pode provocar algum modo de discriminação, segregação e exclusão de todos aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos, anulando com isso o direito que todo cidadão tem de agir e se expressar.

Nessa mesma direção, o conceito que se estabelece é o de que a identidade diz respeito àquilo que eu sou, e a diferença àquilo que o outro é. O que fica constatado é que essa identidade, que está muito ligada ao grupo a que o sujeito pertence, é construída a partir de sua bagagem, ou seja, de sua experiência de vida. Então, todas as experiências vivenciadas pelo sujeito servem para constituir a sua singularidade, que é o atributo que o identifica. Dessa forma, é importante chegar à compreensão de que é necessário haver a convivência pelo fato de ser diferente, pelo fato de ser diverso, de não ser apenas uma especificidade, e não ser apenas a sua própria identidade.

Diante desses aspectos, minha pretensão é fomentar também discussões a respeito do conceito de gênero, o qual nos leva a refletir sobre a forma social em que os sujeitos fazem uso da sua identificação no sentido de se agregarem às práticas que envolvam o feminino e o masculino.

De acordo com Woodward (2011), o gênero é corporificado e vivido através de interações cotidianas e, embora seja caracterizado pela existência de desigualdades, como acontece no patriarcado, também está sujeito a mudanças, pois é um conceito fluido, que pode ser negociado e transformado, bem como restabelecido. Hoje, compreende-se uma diferença entre identidades sexuais e de gênero. Conforme atesta Louro (2008, p. 26),

[...] identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como [as pessoas] vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos, e assim constroem suas identidades de gênero.

Quando a pluralidade de identidades sexuais e de gênero expressa pelas pessoas é percebida, é importante compreender que também há uma diferença entre os conceitos de gênero e sexualidade e o conceito de sexo biológico (que está relacionado aos órgãos sexuais dos indivíduos). Ainda conforme Louro (2008):

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. [...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (LOURO, 2008, p.24).

Assim, gênero e sexualidade expressam a identidade das pessoas, e não seu sexo biológico, e essas identidades, sendo plurais, múltiplas, mutáveis, contraditórias, constituem o espectro que hoje se reúne sob a sigla LGBT, a qual está constantemente se transformando, aumentando, para abranger as diferentes identidades que vêm conquistando visibilidade.

Leite (2011) acrescenta que todo comportamento, gosto ou prática sexual que fuja a esse binarismo é visto como desvio da norma. “Ganha a marca de anormal porque transita no contrassenso do que é socialmente aceitável de forma mais radical, muitas vezes as práticas diferentes são nomeadas como aberrações”. LEITE (2011, p.23).

Qual a ideia que as pessoas que se opõem à homossexualidade fazem? De que mulheres e homens, num dado momento da vida, pensa assim, há! Eu sou heterossexual, mas como eu sou sem vergonha! eu vou então abraçar a homossexualidade. Estupidez! Ninguém decide a própria sexualidade. Você, heterossexual, quando é que você decidiu ser heterossexual? A sexualidade é! Ela se impõe. A gente não escolhe, não tem como escolher. Aqueles que acham que a homossexualidade é um desvio, que é uma aberração da natureza, dizem isso por ignorância. (Relato de uma acadêmica de 40 anos do Curso de Educação Física, que reconhece sua identidade como homossexual –2021).

Embora a questão seja debatida por muitas pessoas, a verdade é que há muita gente que ainda se pergunta: Alguém nasce gay? Ou melhor, nasce com desejo homoafetivo? Para auxiliar nessas questões, estabeleço um diálogo com as contribuições da obra do filósofo francês Michel Foucault, gay assumido. O autor traz várias considerações sobre a história da sexualidade e acerca do tema do desejo homoafetivo. A questão que desperta a atenção aqui, e que também chamou a atenção do filósofo, é saber, por exemplo, se o desejo homoafetivo tem uma causa biológica.

De acordo com Foucault (1988), essa redução remetendo ao conceito como algo de nascença, algo genético ou algo biológico é bastante problemática em vários sentidos. Ao

discorrer sobre o primeiro problema, para o autor, ao se reduzir o desejo homoafetivo a uma causa biológica, é a ideia da falácia¹³ da causa única.

Portanto, é pensar que um desejo pode ser explicado por uma única causa e essa falácia, que carrega o nome como causa única, traz um grande erro ao supor que essa explicação pode ser reduzida. Apenas um aspecto, que é o biológico e excluindo outros aspectos como a cultura, a sociedade em que vivemos, ou o próprio contexto sócio histórico.

Ainda, segundo Foucault (1998), a segunda crítica é ainda mais impactante, a redução a uma causa biológica, ou seja, reduzir o desejo homoafetivo a uma causa biológica. O autor considera que esse pensamento pode servir de munição para muitos homofóbicos, pois essa redução da homoafetividade ao aspecto da biologia faria com que vários homofóbicos tratassem o desejo homoafetivo como uma doença, como algo passível de ser medicado.

É nítido o estereótipo odioso encontrado em espaços onde há profissionais de Educação Física, principalmente em academias. Esse estereótipo pôde ser visto recentemente por meio de um comercial da empresa automobilística Volkswagen, exibido no mês de maio de 2022, retratando um caso em uma academia, onde o hétero top sofre um assédio e busca abrigo dentro do seu carro Polo.

Assim, retornando à crítica de Foucault, são levantados dois pontos: primeiro, a homoafetividade não pode ser reduzida a uma única causa, uma vez que todo o desejo não pode ser reduzido a um único aspecto. E, segundo, e mais importante, reduzir o desejo homoafetivo a um aspecto biológico pode servir de munição a grupos intolerantes e homofóbicos, ao invés de servir de ajuda em prol da luta para a aceitação da comunidade LGBT.

Essa talvez seja a maior causa de preocupação do filósofo, ou seja, a redução do tema dessa maneira. Para Foucault, muito mais importante do que ficar se perguntando sobre uma suposta causa do desejo homoafetivo, vale mais a pena a reflexão sobre a arte de viver esse desejo e de aceitar esse desejo diante da sociedade.

Para Nascimento *et al.*, (2015), no que se refere às relações homoafetivas, estas vêm cada dia mais conquistando destaque na literatura científica mediante uma postura de se combater preconceitos e desenvolver uma cultura que aceite e respeite a diversidade. Em relação à revelação da orientação sexual e às relações familiares, observa-se que é um desafio

¹³Falácia significa erro, engano ou falsidade. Normalmente, é uma ideia errada que é transmitida como verdadeira, enganando outras pessoas.

para o indivíduo compartilhar com a família essa orientação, uma vez que há o medo de ser desprezado pelos familiares e pela sociedade.

Há de se considerar que a “saída do armário” não é tão simples como parece, pois há alguns que permanecem “no armário”, mesmo tendo assumido ser homossexual. Isto se explica a partir de uma série de questões sociais, tais como a ocultação da homossexualidade diante dos companheiros de trabalho ou para fazer parte dos grupos considerados hétero. Por outro lado, essa revelação pode ocorrer de acordo com o ambiente em que essa pessoa está inserida, como exemplo: se o ambiente for receptivo e acolhedor, vai acontecer, porém se o ambiente for hostil esse “armário” vai permanecer fechado nessa situação.

Miskolci (2013, p. 303), constata que esses sujeitos procuram apoio na sociedade, desejando se sentirem acolhidos para que possam revelar sua orientação sexual. Nessa situação, a família será vista como um suporte de possível acolhimento de seus filhos, o que nem sempre acontece, portanto possibilitando que o indivíduo permaneça "no armário".

1.4. Experiências docentes com acadêmicos LGBT no ensino superior

Ser professora é uma tarefa desafiadora. Relatar esse processo significa demonstrar a preparação que ultrapassa os anos dedicados à faculdade, às capacitações, dentre outros. Na visão de Fiss *et al*, (2017), a formação do professor(a) pode ser dividida pelo menos em duas partes: a trajetória pré-profissional e a profissional. A trajetória pré-profissional compreende tudo que ele(a) viveu e aprendeu em sua história de vida, passando inclusive pelo tempo em que foi aluno(a).

Em minha compreensão, essa iniciação se expressa por intermédio de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças e representações, e de certeza sobre a prática docente. Considero que o trabalho é um fruto que é colhido a partir de um processo que está sempre em construção, ao longo da sua vida profissional do sujeito, como também de sua vida pessoal.

Quando cheguei à docência na universidade, trouxe uma ampla experiência do que é ser docente. Essas experiências foram adquiridas por intermédio dos estudantes em diferentes escolas, bem como dos professores e na minha própria jornada escolar, que me possibilitou direcionar algumas diferentes maneiras para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. É importante mencionar que essa experiência também contribuiu para determinadas ambivalências, idealizando modelos entendidos como “bons” e “ruins”, nos quais me espelhei para reproduzir ou negar.

Nesse sentido, luto para não reproduzir determinados questionamentos, tais como: Quais professores contribuem para nossa formação pessoal e profissional? Considero que a docência implica uma questão de estatuto docente, que pode ser considerado como um conjunto de obrigações e direitos socialmente estabelecidos. Escolher essa profissão implica reconhecer que sua identidade está em constante processo de construção.

Somente o docente que tenha preocupação com o homem e sua estatura restabelecerá o encontro e o diálogo entre ciência e integridade; processo este que desencadeará reflexões sobre a finalidade da raça humana na terra e simultaneamente sobre a essência do que é ser humano (ENGLER, 2001, p. 22).

Essa passagem do autor me possibilita refletir que, para ser professor, é preciso muita dedicação e importar-se com o Outro e, constantemente, renovar suas aprendizagens, missão e conhecimento. Em concordância com o autor

Para Freire, a docência se constrói, pois, a condição de tornar-se professor se estabelece em um processo, não apenas a partir de uma habilitação legal. Envolve a consciência da sua condição em ação. Diz Freire, refletindo sobre a sua trajetória que ser professor tornou-se uma realidade para mim depois que comecei a lecionar; tornou-se uma vocação depois que comecei a fazê-lo. (CUNHA 2010, p. 330).

Outros tantos saberes são construídos no espaço universitário, não mais como estudante, mas do outro lado da relação, como professor. São aprendizados da vivência do dia a dia, portanto sentir-se professora não é algo que coincide com a formatura. É necessário acumular conhecimentos acadêmicos, saberes práticos e experiências a partir dos estudos e de uma escolha como a de um mestrado ou doutorado.

A partir dos escritos de Santos (2007), a universidade se especializou somente em conhecimento científico, obviamente que é um conhecimento válido, mas não é o único. Segundo o autor existem outros conhecimentos valiosos, como as experiências de vida do cotidiano dos discentes, aos quais devemos dar visibilidade de modo que eles possam também ser usados nas nossas aulas e nas universidades, promovendo uma ecologia de saberes. Ainda segundo o autor, os conhecimentos populares devem ter sua credibilidade e necessitam de sua validação, sejam eles conhecimentos que emergem das populações indígenas, quilombolas, movimento das mulheres ou LGBT. Esses conhecimentos por muitas vezes governam a vida das pessoas no seu dia a dia.

Aprendi no âmbito universitário, mais precisamente nessa instituição em que a pesquisa acontece com os acadêmicos do curso de Educação Física LGBT, que a identidade docente é construída com o tempo, na história de vida dos professores, nos encontros oportunos com pessoas que os inspiraram na relação entre os conhecimentos científicos e o

saber prático, bem como na experiência profissional, na relação com os alunos e na reflexão sobre o que significa educar, ensinar, aprender. (BARBOSA, 2004).

A identidade docente exige uma construção contínua e começa muito antes de ingressar na faculdade, além disso não termina no momento em que o professor finaliza o curso de graduação. Vivenciei esse desafio no início da profissão, algo um pouco complicado, por residir em outro município, trabalhar em outra cidade, deixando filhos e esposo, enfrentar noites mal dormidas por chegar em casa muito tarde e me preparar para o outro dia de trabalho e até mesmo por causa do sentimento de insegurança manifesta na primeira experiência docente no âmbito universitário. Mas aprendi que sempre temos o que aprender, mesmo nos momentos mais dramáticos, nas crises pessoais e profissionais ou na hora em que o desânimo incita a vontade de desistir.

É importante não desistir tão facilmente, afinal entendi que, para superar as dificuldades, é preciso certo tempo para construir a experiência de um bom professor, além disso é importante aprender a se conhecer: Quem é você? O que te levou a escolher essa profissão? Aprender a ouvir os discentes, porque eles têm muitas vezes as respostas que você procura no seu interior. Isso significa que o docente é fundamental para a base desse relacionamento, que envolve também o modo de falar e compreender as necessidades dos discentes. Assim, de forma sensível, pode mediar a construção do conhecimento e inspirar os estudantes e, quando essa relação de parceria e admiração é desenvolvida entre docentes e discentes, creio que o processo de ensino e aprendizagem se torna mais leve e prazeroso.

Diante dos relatos acerca das experiências dos acadêmicos LGBT, aprendi que é fundamental incluir os Outros em nossas vidas, seja na universidade ou em outras instâncias sociais, não somente pelas semelhanças, mas também pelas diferenças, já que cada indivíduo abriga diversidades, sejam elas sexuais, socioculturais, étnico-raciais, políticas, dentre outras.

Como docente, considero que os professores do centro universitário deveriam se preparar para acolher essa diversidade de sujeitos e promover ações pedagógicas que contribuam para o combate a qualquer tipo de preconceito e discriminação, pois ainda é um local, às vezes, de exclusão para aqueles que não se enquadram nos modelos sócio-historicamente construídos a partir da perspectiva cisgênero-heteronormativa¹⁴.

Já que esse espaço deve ser um ambiente de reflexão e cidadania, onde prevalecem os direitos humanos, estes precisam ser respeitados, pois é na relação entre docentes e

¹⁴Cis-heteronormatividade inclui a ideia de que existe apenas um jeito certo de existir (heterossexual, cis, etc.). Pressupõe também a inexistência ou a marginalização de pessoas trans e também a possibilidade de “curar” essas pessoas para que se reconheçam dentro da identidade que lhes foi designada pelo Estado (GRIMM apud BAGAGLI, 2017, p. 159-160).

acadêmicos e entre os próprios discentes que nasce a convivência e o respeito à diversidade. Desta forma, Vianna (2015, p. 797) ressalta a

[...] importância de desenvolver pesquisas sobre as experiências no âmbito universitário, a fim de compreender as vivências de sujeitos LGBT, para que, docentes e acadêmicos venham a serem os principais personagens de uma universidade que proporciona a democracia e a diversidade.

Espero poder um dia observar o ensino superior como um espaço que acolha a desigualdade social e os professores possam ser aqueles que venham contribuir para uma transformação de uma sociedade mais justa, onde se encontrem o respeito e o direito de seus acadêmicos. Mas sabemos que essa espera não pode ser passiva ela precisa ser desenhada a partir dos resultados de pesquisas e deve ser materializada por meio de programas e projetos de intervenção que efetivamente contribua para o acolhimento e a inclusão de pessoas LGBT na Universidade, tanto nas IES pública quanto privada.

Percebo que a universidade é um espaço para debater com acadêmicos LGBT, principalmente nos cursos de licenciatura, no entanto o que percebo nos relatos é que as universidades que são o templo do conhecimento e nem outra instituição ainda não conseguem abordar a identidade de gênero de forma ampla, por ainda terem uma visão conservadora e moralista em relação à sexualidade dos acadêmicos. Portanto, esse movimento deve ser construído gradativamente.

Desse modo, as discussões abertamente relacionadas à identidade de gênero e à orientação sexual são imprescindíveis para a instituição de ensino superior, visto que se constituem como uma maneira de proporcionar a diversidade de gênero, envolvendo, em especial, toda a comunidade acadêmica que zela pelo respeito à educação, ou seja: professores, gestores e acadêmicos. Essas discussões no espaço acadêmico também devem contribuir para despertar os responsáveis pela criação de políticas públicas para que estes possam contribuir para combater a LGBTfobia¹⁵ dentro do espaço universitário. (CORDEIRO, 2018).

Ainda, nessa discussão, posso mencionar que os debates realizados nos diferentes espaços da sociedade auxiliam no envolvimento dessa causa, pois sabemos que não é fácil a luta pelos direitos humanos e pela diversidade de expressão para quem desconhece.

As provocações de demarcação de território pelos acadêmicos apresentam certa compreensão na busca de afirmar a sua identidade de gênero. No contexto dos acadêmicos de Educação Física, essa afirmação está evidente para desconstruir o hétero top presente nesse

¹⁵LGBTfobia é um conceito que abrange diversas formas de agredir pessoas que não são heterossexuais ou cisgêneras, seja verbal, física ou psicologicamente.

ambiente (BOURDIEU, 1998), pois essas pessoas não estão livres do preconceito e, de modo geral, ocorre de forma silenciosa. Sendo assim, as análises acerca dos desafios diários enfrentados durante a permanência em um curso de graduação como o de Educação Física, considerando o contexto de exclusão vivenciado pelos sujeitos LGBT, faz-se necessário.

Quando relato sobre esses desafios é possível afirmar que esses sujeitos, fora do espaço da universidade, muitas vezes não são compreendidos nem incluídos, mas, segundo relato de um acadêmico de 27 anos, no ano letivo de 2021, o qual reconhece sua identidade como homossexual, ao estarem nesse local, conseguem de certa forma expor sua identidade.

Entendo que a Universidade pode se constituir em um espaço visando à formação de sujeitos capazes de constituírem a narrativa da própria vida e do tempo e do espaço em que vivem (MONFREDINI, 2016). Já em relação às amizades que vão sendo construídas, logo nas primeiras experiências fica claro como elas são importantes para esses acadêmicos ingressantes, pois há uma expectativa nesses vínculos de amizade que se formarão no sentido de permitir-lhes compartilhar expectativas, dificuldades, interesses, facilitando a adaptação.

De qualquer modo, eles se sentem reciprocamente apoiados e circulam no espaço universitário, “[...] com mais liberdade com aqueles que acreditam possuir características parecidas com as suas”. (Miss Lister, acadêmica homossexual de 40 anos – entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Apesar das dificuldades encontradas em algumas relações interpessoais, tais como saber lidar com opiniões diferentes e receber e fazer críticas, o estudante percebe determinadas situações como de fácil manejo. (SOARES; DEL PRETTE, 2015).

Desde que se tornou mais acessível o acesso à universidade através das políticas públicas, houve um aumento significativo de estudantes. Contudo, esses novos acadêmicos, incluindo o grupo LGBT, encontraram no meio universitário, dificuldades outrora já vivenciadas por eles, como, por exemplo, o preconceito, visto que, ao se considerar a orientação sexual como uma variável relevante, processos de exclusão podem estar intrínsecos nas condições de permanência no âmbito universitário. (RIBEIRO; MORAES; KRUGER, 2020).

Como docente, me impressiona o fato de que pessoas LGBT, excluídas de suas famílias e da sociedade, se transformam dentro do ambiente do Ensino Superior, uma vez que, nesse espaço, suas sexualidades e identidades são marcadas e negociadas. Essa observação realizada perpassa pelas relações que foram estabelecidas por meio do convívio diário e das conversas fora da sala de aula, pois os acadêmicos relatam a tranquilidade em circular por

esse espaço sem serem alvos de “chacotas”, preconceito ou discriminação por parte de outros acadêmicos.

Para muitos, o seu jeito de andar, de se expressar ou circular com as suas vestimentas não provoca manifestações e atitudes preconceituosas. Tenho observado através das aulas de práticas corporais, que quando ingressam no centro universitário, essas pessoas se sentem atraídas em expor sua sexualidade, e algumas ainda relatam que têm medo, vergonha, porque já vêm com uma bagagem “recheada” de estereótipos, fazendo com que elas se silenciem.

Durante os 10 anos atuando como docente nesse espaço universitário tive (e ainda convivo) acadêmicos que se identificam com a orientação não-heterossexual. Isso significa que sua orientação sexual é de se relacionar com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou com mais de um gênero. Em outras palavras, orientação diferente do indivíduo que se identifica como heterossexual, que é uma pessoa que se relaciona com indivíduo do sexo oposto.

É propósito desta dissertação conceituar, diferenciar e fundamentar os termos ora citados, ou seja, gênero, identidade e sexualidade, de modo a promover uma investigação crítica e histórica, com base principal no conhecimento científico.

1.5. As escolhas metodológicas para a produção dos dados

Apresento os caminhos e descaminhos pelos quais esta pesquisa transitou. Também descrevo o cenário em que foi desenvolvido o trabalho, no município de Campo Grande/MS, bem como os sujeitos que apresentam suas histórias de vida, os quais percorreram e percorrem as linhas que compõem este texto.

Como docente do ensino superior, no município de Campo Grande/MS, comecei a observar, no ambiente de trabalho, a presença de acadêmicos LGBT no curso de Educação Física. Nesse espaço, identifiquei uma ausência de discussões, debates, reflexões e trabalhos relacionados a esse grupo, mesmo sabendo que essas discussões contribuem muito para o fortalecimento de uma cultura que saiba valorizar e respeitar a diversidade (GOMES, 2019, p. 3).

A seleção da instituição de ensino superior na cidade de Campo Grande/MS, como ambiente de pesquisa, foi priorizada por ser o meu local de trabalho há 10 anos. Foi nesse espaço onde aprendi a ter um olhar diferenciado, a ver com sensibilidade e compreender e ouvir esses sujeitos. Trata-se de um espaço universitário presente no município de Campo Grande/MS, desde o ano de 2008, o qual possui cursos de bacharelado e licenciatura em

Educação Física, Administração (Bacharelado), Arquitetura e Urbanismo (Bacharelado), Biomedicina (Bacharelado), Ciências Contábeis (Bacharelado), Design de Interiores (Tecnológico), Direito (Bacharelado), Enfermagem (Bacharelado), Estética e Cosmética (Tecnológico), Fisioterapia (Bacharelado), Nutrição (Bacharelado), Psicologia (Bacharelado), Radiologia (Tecnológico), além de diversos cursos de pós-graduação.

Conforme a pesquisa foi ganhando forma e os objetivos foram se materializando após tantos momentos em que os pensamentos iam se desconstruindo e construindo novamente, fez-se necessário, durante esse percurso, seguir uma direção para que a proposta de pesquisa fosse transformada em pesquisa. Assim sendo, sempre dei importância a planejar minhas aulas com atenção às diferenças no processo de aprendizagem, mas também à diversidade. Em relação à diversidade, além de inserir a temática em minhas aulas, foi necessário que a maneira de abordá-la fosse diversificada, englobando o campo teórico e experiencial.

Tive o compromisso de conhecer os acadêmicos LGBT, buscando entender seus interesses, orientação sexual, origem, experiências, angústias e seus objetivos, de modo que não ocorressem estereótipos ou condenação, mas que se oportunizasse a eles a vivência saudável em sala de aula e principalmente nas aulas práticas.

Fui buscar em autores como Meyer e Paraiso (2012, p. 279) o suporte necessário para produzir tais percursos e fazer com que eles me conduzissem para a concretização dessa construção teórica e metodológica. De forma objetiva e esclarecedora, as autoras desmistificam conceitos e teorias relacionadas a pesquisas de gênero, multiculturalismo, investigações étnico-raciais, utilizando para isso a conceituação do sujeito, sua comunicação e inserção na sociedade em que habita, facilitando a compreensão desse sujeito de forma integral e autônoma, respeitando seus saberes, crenças e verdades.

De acordo com Melo (2017), buscando definir as bases teóricas e as origens, entendo a importância de considerar e analisar a atuação do pesquisador em acordo com o tema proposto a ser pesquisado. Ainda em concordância com a autora, há um outro conflito que pode acontecer na integração no campo, mesmo que o investigador faça parte ou não do grupo investigado. Isso não sugere que o pesquisador irá investigar a si próprio, entretanto, precisará analisar cada realidade de maneira específica e cada sujeito neutro.

Metodologia é um termo tomado em nossas pesquisas de modo bem mais livre do que o sentido moderno atribuído ao termo "método". Entendemos metodologia como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que, em congruência com a própria teorização, preferimos chamar de

"produção' de informação e de estratégias de descrição e análise. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 272).

A melhor forma de apresentar minhas compreensões metodológicas, princípios e intenção da pesquisa partiam do fato de eu ser docente. A pesquisa iniciou com as observações dos acadêmicos que se identificam LGBT na instituição, mais precisamente do curso de Educação Física. Essas observações ocorreram ainda no momento das disciplinas, mais especificamente nos primeiros meses de 2020, antes do momento pandêmico. Também posso mencionar que muitas das questões que irei apresentar correspondem ao tempo de convívio com esses estudantes.

Após uma conversa com a coordenadora do curso, à qual apresentei minha proposta de pesquisa, foi imediatamente autorizada a sua realização. Informei à coordenação que a pesquisa iria cumprir os procedimentos éticos que estão em conformidade com as disposições sobre Ética em Pesquisa com Seres Humanos determinados na Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016. Porém, apesar de respeitar todos os procedimentos éticos com relação à pesquisa em Educação, preciso informar que não consegui encaminhar o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

Preciso mencionar que a pesquisa de campo não ocorreu conforme havia planejado, pois, devido ao isolamento social que estava ocorrendo devido à pandemia do Covid-19, as entrevistas com os acadêmicos foram realizadas de maneira remota, cujos procedimentos são detalhados nas linhas abaixo.

As entrevistas foram realizadas com data marcada no período de 10 a 15 de março de 2021, via plataforma Google Meet. Os acadêmicos do curso de Educação Física, convidados para a pesquisa, aceitaram o convite e não houve muita demora. É importante mencionar que com a data marcada, fui refletindo sobre qual seria a estratégia para demonstrar o objetivo do estudo de modo a levá-los a compreender a importância de participar. Tratando-se de um tema no qual é de suma importância o estudo e discussão para o meio acadêmico.

Registro que, antes do agendamento para a realização das entrevistas com os acadêmicos, foi marcado um encontro, via Google Meet, num momento bem descontraído em que tive a oportunidade de conversar muito e explicar, além de orientá-los a respeito da pesquisa. Nesse momento, consegui informar que eles podiam ficar à vontade para opinar e, caso se sentissem desconfortáveis em relação às perguntas, tinham o direito de não responder. Eles também foram informados sobre o sigilo e o anonimato na participação da pesquisa, item que consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), instrumento utilizado

para fornecer o conhecimento do conteúdo da pesquisa e obter o consentimento do sujeito para participar dela.

As entrevistas tiveram um roteiro planejado, semiestruturado, e o tempo médio com cada acadêmico foi de 20 a 25 minutos, de forma a deixar os entrevistados com a possibilidade de seguirem seus próprios rumos narrativos. Depois da realização das entrevistas, elas foram transcritas e analisadas da seguinte maneira: audição da entrevista, seguida da transcrição na íntegra e, a partir do texto transcrito, fui relacionando o que foi relatado pelos sujeitos entrevistados a temas importantes que foram alcançados no decorrer da pesquisa.

Entendo que, nesse momento, entram em contato distintas realidades que são mencionadas nesta pesquisa, posto que elas propiciam um encontro entre o contexto da pesquisadora e dos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, as escolhas metodológicas para a produção dos dados encerram a defesa de que, na pesquisa de natureza sócio-histórica, o diálogo em que se entende a escuta do Outro é a ponte que evidencia as relações sociais e a historicidade que formam as pessoas. (FREITAS, 2003, 2007).

Para a realização da pesquisa foram convidados 08 acadêmicos LGBT do curso de Educação Física com idades entre 27 a 40 anos. No decorrer da coleta de campo, permaneceram somente 05 acadêmicos, havendo desistência de 03. As desistências foram justificadas pelo seguinte motivo: um acadêmico mudou-se para o interior, para cuidar do pai que adoeceu; o segundo, por consequência da pandemia, ficou desempregado e trancou sua matrícula no curso; e o terceiro não quis continuar participando da pesquisa porque adoeceu.

Em relação à quantidade de entrevistas realizadas para serem analisadas, priorizei a qualidade, uma vez que, em um estudo, o importante não é a quantidade de entrevistas realizadas, mas sim a qualidade. Dessa forma, foram entrevistados os estudantes que se apresentaram mais disponíveis e que podiam contribuir mais prontamente para a pesquisa.

Durante as entrevistas, os acadêmicos pediram para que seus nomes não fossem divulgados. Nesse momento, reafirmei a eles que seus nomes seriam resguardados por meio do sigilo e, sobretudo, que o trabalho de pesquisa está atento para o comprometimento com a ética, não sendo possível os nomes serem expostos no trabalho, entretanto poderiam escolher um pseudônimo para si mesmos.

Conforme escrito anteriormente no início do subtítulo, além do procedimento já citado, a pesquisa utilizou-se da experiência, com a intenção de atentar para a “[...] escuta, o registro, o envolvimento e a sensibilidade” (KLEIN; DAMICO, 2014, p. 74). Desse modo, participaram da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação de Mestrado

em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) os acadêmicos do curso de Educação Física de uma instituição de ensino superior de Campo Grande/MS os quais assumem a identidade LGBT.

Respeitando o anonimato e os princípios éticos da pesquisa, os acadêmicos que participam das entrevistas assumem a identidade de gay, lésbica e homem gay. Com base no sigilo, os acadêmicos serão identificados nesse trabalho como: Apolo, Richard, Miss Lister, Henrique e Shana. Reforço que esses pseudônimos foram escolhidos pelos entrevistados e, segundo cada acadêmico, existe um motivo para essa escolha. Esse motivo foi a mim revelado.

QUADRO 1 – ACADÊMICOS LGBT ENTREVISTADOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PSEUDÔNIMO	IDADE	COR	GÊNERO
Apolo	27	Branco	Gay
Richard	38	Branco	Gay
Miss Lister	40	Negra	Lésbica
Henrique	27	Branco	Homem gay
Shana	27	Negro	Gay

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Ao realizar a entrevista com os acadêmicos do curso de Educação Física, pude observar que eles são em sua maioria do sexo masculino. O que chama a atenção é a idade, pois trata-se de uma população em que a maioria tem a idade de 27 anos; apenas dois desses entrevistados estão acima dessa faixa etária.

Analisando o conjunto de informações obtidas na tabela acima, ressalta-se que o curso de Educação Física atende a um público de acadêmicos LGBT. É importante que se entenda que, quanto ao que se refere à integração, os indivíduos são múltiplos e essa diversidade precisa ser reconhecida e honrada, visto que cada indivíduo possui suas individualidades e essas diversidades precisam estar incorporadas na inserção dos reconhecimentos dos gêneros, corpos e também da sexualidade.

Entretanto, é preciso reconhecer que há um pensamento majoritário e imposto que exige o gênero heterossexual como obrigatório, como também há a exigência de se assumir o sexo que lhe foi atribuído no momento do nascimento, entrelaçando-se em um enredo que os

rotulam com adjetivos que os constituem como homem ou mulher, hétero ou homossexual, belo ou sem beleza, forte ou fraco. Segundo Rosa (2004, p. 6), “A padronização de uma masculinidade, o que cientificamente é conceituado como masculinidade hegemônica, configura um tipo ideal de homem, colocando os homossexuais fora desse padrão”.

Ao se falar de temas que estejam relacionados à diversidade, isso se torna bem complexo, além do mais quando me refiro ao ambiente escolar/acadêmico, visto que nesse espaço há uma pluralidade de identidades de gênero, não somente no que se refere à sexualidade, haja vista que, quando me refiro a esse tema, estou falando de indivíduos com seus pensamentos, sentimentos e valores próprios. Por essa questão, abordar esse assunto pode trazer algumas ponderações que podem ser refletidas no âmbito educacional, pois, por meio das vivências dos acadêmicos, é possível chegar a um ambiente favorável para esclarecer questões sobre a lógica do que é imposto pela heterossexualidade.

No entanto, é importante estabelecer uma conversa sincera envolvendo os acadêmicos para que eles possam ter o entendimento de que todos, independentemente da sua identidade, precisam e merecem ser respeitados. (CAMPOLIN; OLIVEIRA, 2014).

1.6. Caracterização do perfil dos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física participantes da pesquisa

A identidade dos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física é produzida em diferentes momentos, tanto nas relações estabelecidas, seja nos encontros realizados, quanto nas narrativas marcadas (WOODWARD, 2000). Com base nos estudos de Silva (2000) e nas experiências realizadas ao longo da minha experiência docente, compreendo que os espaços universitários são locais de produção de identidade que possibilita o conjunto de infinitos saberes heterogêneos, como também a base para a formação dos acadêmicos para uma carreira profissional e, além disso, para expandir os limites do conhecimento, intensificar a criatividade e ser capaz de refletir sobre o vivido e o aprendido em sala de aula e em outros espaços, como na comunidade em que vão construindo cotidianamente sua identidade pessoal e profissional consolidadas na busca do saber fazer, saber aprender e saber ser, ou seja, na formação de suas competências.

No diálogo com Hall (2006), entendo que a identidade é um processo discursivo, que vem com uma formação cultural e, conforme as circunstâncias históricas e pessoais, levam o sujeito a assumir determinadas posições. Por esse motivo, é importante apresentar aqueles que dão voz, sentido e significado a este texto de dissertação.

Ressalto que foi minha escolha, enquanto pesquisadora, a escrita das narrativas em 1ª pessoa com a finalidade de fortalecer as vozes desses sujeitos LGBT e valorizar aspectos emocionais em profundidade. Dessa maneira, nos relatos emocionantes de vida, “[...] a construção e desconstrução de discursos, nas maneiras de pensar e agir, indicadas pela entrevista e produzidas em conjunto entrevistador e entrevistado, permite vivenciar momentos de invenção de si e da realidade” (NASCIMENTO; SOARES, 2016, p. 35).

Portanto, os relatos das experiências de vida foram resultantes de uma grande experiência como docente, após aproximação com os trechos transcritos, as percepções e interpretações da pesquisadora, a leitura dos relatos cheio de emoções e sentimentos e algumas incertezas, porém foram ricos para essa construção. Tudo com o intuito de representar o mais próximo possível as realidades, impressões e significados particulares dos personagens principais de cada história aqui apresentada por esses acadêmicos LGBT.

Posso afirmar que foi muito importante apreender que história de vida, segundo Spindola e Santos (2003), é uma singularidade de metodologia qualitativa em que os entrevistados da pesquisa são os atores mais importantes, pois seus relatos representam o significado que eles atribuem às coisas e à vida, tendo como regra básica para a sua construção as entrevistas de profundidade, sendo relevante o vínculo entre pesquisador e sujeito (HAGUETTE, 2008).

Convido a você, conhecer um pouco mais sobre os pseudônimos escolhidos pelos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física. Serão cinco histórias sistematizadas por meio da pergunta: Quem sou eu?

1 - Acadêmico do curso de Educação Física, com 27 anos de idade, residente no município de Campo Grande/MS, branco e gay. Neste trabalho de dissertação, suas manifestações/representações serão identificadas como Apolo. Ao perguntar sobre o motivo do nome escolhido, ele comentou que Apolo é o deus do Sol, um artista marcial de capuz preto. Apolo e Meia-Noite eram analogias para o Super-Homem e Batman, que acabaram se apaixonando e virando um par romântico. Personagens principais na equipe de quadrinhos The Authority, a dupla nunca teve de esconder seus sentimentos: eles sempre foram abertamente gays e fizeram coisas que eram ilegais nos Estados Unidos na época em que seus quadrinhos foram publicados, como se casar e adotar uma criança. (Dados produzidos em: 10.04.21).

2 - Acadêmico do curso de Educação Física, com 38 anos de idade, residente no município de Campo Grande/MS, branco e gay. Na pesquisa suas manifestações/representações serão identificadas como Richard. De acordo com o acadêmico,

o nome é por causa do personagem do filme “A Lagoa Azul”, que considera lindíssimo. “Eu particularmente adoro loiros dos olhos azuis. Acho que todos tiveram crush nesse rapaz durante a pré ou na adolescência por conta da Sessão da Tarde, que reprisou a Lagoa Azul e eu assistia todas as vezes”. (Dados produzidos em: 10.04.21).

3 – Acadêmica do curso de Educação Física, com 40 anos de idade, residente no município de Campo Grande/MS, negra e lésbica. Na dissertação, suas manifestações/representações serão identificadas como Miss Lister. Logo no início da entrevista, ela registrou que “Agora Sou Voz, posso falar!” (Dados produzidos em: 10.04.21).

A escolha do nome Miss Lister é uma homenagem a Anne Lister, conhecida por manter um diário no qual narrava acontecimentos diários e relacionamentos lésbicos, no século XIX. "A primeira lésbica moderna" por seu estilo de vida abertamente lésbica. (Dados produzidos em: 10.04.21).

4 – Acadêmico do curso de Educação Física, com 27 anos de idade, residente no município de Campo Grande/MS, branco e homem gay. Nesse trabalho suas manifestações/representações serão identificadas como Henrique. Ao ser perguntado sobre o motivo da escolha do seu pseudônimo, informou ser um nome como o qual se identifica nessa fase que está vivendo. (Dados produzidos em: 15.04.21).

5 – Acadêmico do curso de Educação Física, com 27 anos de idade, residente no município de Campo Grande/MS, negro e gay. Na escrita da dissertação, suas manifestações/representações serão identificadas como *Shana*. Ele explicou que o pseudônimo caracteriza um nome forte, exótico e diferente. (Dados produzidos em: 10.04.21).

CAPÍTULO II

EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS LGBT DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: IDENTIDADES E DIFERENÇAS

Este capítulo apresenta as experiências de vida dos cinco acadêmicos LGBT do curso de Educação Física que colaboraram com a produção da pesquisa. Utilizando de sensibilidade e respeito com as vozes dos acadêmicos, pretendo neste capítulo narrar as histórias de 03 homens gay, uma mulher lésbica e um homem considerado homem gay.

Colling (2013), em seus escritos, nos convida a refletir sobre os indivíduos que possuem identidade de gênero. Para a autora, esses sujeitos seriam aqueles que, pela lógica da heteronormatividade¹⁶, têm um determinado corpo que não segue a linha coerente entre o órgão sexual como o pênis ou a vagina e o gênero masculino ou feminino, homem ou mulher. Dessa maneira, travestis e transexuais possuem identidade de gênero. Heterossexuais, gays masculinizados e lésbicas femininas possuem gênero.

As discussões sobre gênero, de acordo com Jesus (2012), referem-se às formas de se reconhecerem e serem reconhecidos como homem ou mulher. Ainda de acordo com o pensamento do autor, a orientação sexual se refere à atração afetiva sexual por alguém de algum gênero. Uma proporção não depende da outra, não há uma regra de orientação sexual em função do gênero das pessoas e, dessa forma, nem todo homem e mulher são naturalmente heterossexuais.

As narrativas que serão compartilhadas apresentam as experiências vividas pelos acadêmicos. Parte das vozes que ecoam neste capítulo foram produzidas a partir de muitas dores e sofrimentos decorrentes de processos de violência, além do preconceito e da discriminação.

2.1 Experiência de vida de Apolo...

Bom. É difícil falar (risos) porque assim... Esses relatos eu não tive. Sempre tive o prazer de criança, com as crianças. Mesmo se tivesse mais vontade de ficar, como contato com criança. É mais! Era mais... (pensativo) eu tenho prazer mais é com os meninos, né? E eu sempre estava em contato com as minhas primas, mas, não é uma coisa assim que foi de repente não. Mas essa é minha orientação sexual. Eu acho que eu já nasci com ela. Então, é uma coisa que ela vai do dia a dia, né? (risos). Sinto-me

¹⁶ Heteronormatividade é um termo usado para descrever situações nas quais as orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. (SOUZA, 2013, p. 82).

realizado, não tenho dúvidas sobre isso (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Apolo, acadêmico universitário do curso de Educação Física, gay, com idade de 27 anos. Rapaz de sorriso largo e um pouco tímido. Atualmente mora sozinho e no momento está atuando em sua área profissional com aulas de GAP (Glúteos, Abdômen e Pernas) e *jump*.

Desde sua infância, relata que sentia conscientemente que não gostava de meninas, mas sim de meninos, mesmo sem compreender direito o que estava acontecendo com seus sentimentos. Teve algumas crises existenciais até a sua adolescência, quase não saía de casa, tinha poucos amigos e gostava de brincar com suas primas. A partir daí, enfrentou imensos desafios até assumir a sua sexualidade.

A infância da criança que se percebe homossexual não é fácil, pois ela enfrenta embates consigo mesmo, com os familiares e com a sociedade. Nesse período, esses embates foram frequentes na vida de Apolo. A busca pelo autoconhecimento e pelo seu papel no ambiente social fizeram com que esse indivíduo passasse por constantes constrangimentos e dúvidas. Sobre a infância, Apolo, menciona

Somos todos sobreviventes. Em meio às lutas diárias, ou que a vida nos surpreende, sobrevivemos. Claro que alguns mais do que outros. Passei algum tempo tentando me entender. Não sei te dizer se nasci assim, mas eu acho que sim. No começo nem eu entendia o que estava se passando, a única coisa que realmente eu sabia é que eu gostava de brincar e estar perto das meninas, mas isso foi tomando conta de mim até eu chegar à escola. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A infância relatada por Apolo revela os desafios enfrentados por crianças desde a mais tenra idade. Imersos em conflito e falta de informação, sua individualidade parece não se inserir na comunidade em que vive. De acordo com Rodrigues e Carmo (2013, p.13), a constituição familiar na sociedade contemporânea tem passado por transformações significativas nas últimas décadas. Devido às oportunidades de emprego e desafios no sustento de suas famílias, o Brasil re-significa os papéis de gênero, as estruturas conjugais e parentais e os valores familiares.

Essas transformações podem contribuir para a orientação e proteção do homossexual, facilitando seu reconhecimento enquanto cidadão e amparando-o durante o seu processo de autodeterminação. Ainda de acordo com as autoras, a construção da autodenominação é o instante em que o indivíduo revela para si mesmo sua orientação afetivo-sexual. “Nesse período, o sujeito busca grupos de pessoas que pactuem com seus anseios e contribuam com seus questionamentos. Frequentemente é na escola em que inicia esse contato”. (RODRIGUES; CARMO, 2013, p. 16).

Nesse contexto, a escola deveria ser um palco de diálogos, respeito e informação. Dependendo da formação dos professores e do suporte dos profissionais envolvidos com os processos de aprendizagem, a orientação desse acadêmico poderá ser efetiva ou traumática.

Me lembro uma vez na escola, tinha uns oito anos, em pé na fila, esperando para entregar minha tarefa. Na minha vez, eu estava com a mão na cintura e a professora deu um tapa no meu braço, pedindo para que eu desfizesse a minha posição, dizendo na frente de todos que eu não devia ficar parado com a mão na cintura, por que essa posição era coisa de menina e não podia fazer tal coisa. A professora, que deveria me proteger, me expunha. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Nesse trecho da entrevista, é possível observar que a socialização de gênero dentro do espaço escolar é pré-estabelecida por controles heteronormativos, com o enquadramento de comportamentos, atitudes e desejos de ambos os sexos. “Essas condutas acabam por segregar meninos e meninas, julgando a criança que não se adequa aos padrões estabelecidos, além de taxá-la como transgressora de sua própria existência”. (FINCO, 2012, p. 48).

Crianças gays não sabem, mas elas são a revolução em sua inocência, contra um mundo julgador, moralista e repleto das aparências. Mas esses moralistas, aliás, falsos moralistas. Sabemos que nenhum pai cria um filho para ser gay. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Ainda sobre o ambiente escolar, Candau (2008, p. 53) destaca a importância da integralização dos estudantes para a efetiva aprendizagem: “[...] respeitando as diferenças em todas as dimensões do processo educativo, incluindo adequação curricular, métodos didáticos, gestão escolar, atividades extracurriculares e principalmente, a formação e o papel do professor diante dos desafios apresentados pela sociedade contemporânea”.

A destituição dos guetos faz-se fundamental, garantindo a aprendizagem do estudante em todas as dimensões do processo educativo. As vivências frequentemente relatam que, além da formação fragilizada e pragmática dos educadores, a falta de responsabilidade de todos os envolvidos com o espaço escolar, incluindo pais e estudantes, reforça a opressão e a exclusão dos menos empoderados.

Nunca fui popular no colégio, mas sempre gostei de conhecer pessoas de outras turmas e ter muitos amigos. Quando você é adolescente, qualquer mudança no seu visual é motivo de piada. Imagina quando percebem que gosta de alguém do mesmo sexo! Você sente todo mundo te vigiando com olhares, dando risadas, mantendo a distância, excluindo você dos grupos, das conversas. Até aí o bullying é psicológico, o físico veio depois. Tudo que eu fazia de diferente, eles pegavam no meu pé, o que foi me deixando cada vez mais fechado e com raiva. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Esse poder de voz, de ação e de cidadania concretiza-se com a informação e com as experiências de vida e com o suporte da sociedade. O respeito às diferenças fortalece as minorias e promove a equidade e, em uma sociedade desigual e discriminatória, possibilita a atuação dos marginalizados à sociedade civil (CANDAUI, 2008, p. 54).

Os anos se passaram, amadureci, ingressei na Universidade e continuo gay, não passo mais por transtornos relacionados à minha orientação sexual. Hoje tenho voz, e essa não se cala. Discuto com qualquer pessoa que se atreva em questionar minha sexualidade. Hoje sou mais forte, levo uma vida tranquila, tenho boas amizades, faço o que eu amo. Continuo amando a cor rosa, usar unhas compridas e todos me respeitam. Mantenho contato com algumas pessoas em sites LGBT e espero que tudo mude na vida de alguém, que também passou por todos esses preconceitos. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Observa-se que o passar dos anos foi muito significativo para o acadêmico para consolidar seus pensamentos em relação às suas escolhas, sexualidade e vestimentas. Mas também é percebido para aqueles que não seguem o padrão binário homem e mulher, macho e fêmea, aqui citadas especialmente como homossexualidades, não são aceitas e tratadas com naturalidade.

Como referenciado por Butler (2003a, p. 41), “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica”. A homofobia tem efeitos psicológicos, físicos e sociais que agregam na construção da identidade pessoal de cada indivíduo que a comete e de quem é vítima dela.

A principal característica que faz o ser humano se tornar um ser virtual é a interação, que, em grande parte acontece nas redes sociais, ferramenta de relações no ciberespaço¹⁷ que nos posicionam no ambiente virtual, levando consigo nossas características e amizades. Ao se virtualizar, o corpo adquire novos espaços e velocidades, se multiplicando a diferentes espaços e formando uma aldeia coletiva de informação e trocas mútuas.

De acordo com Woodward, (2007, p. 64) “Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros”. Sendo assim, o nosso processo de identificação está em constante (des/re)construção, visando a criar uma visão que nós temos de nós mesmos e a sociedade tem de nós.

Seguindo com Bauman, (2005, p. 19) onde nos leva a refletir que a nossa identidade é formada a partir da forma com a qual interagimos com o meio, isto é, tendo alguns aspectos condizentes com nossa vontade e outras criadas a partir do que é veiculado. “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às

¹⁷ Ciberespaço é um espaço existente no mundo de comunicação em que não é necessária a presença física do homem para constituir a comunicação como fonte de relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberespa%C3%A7o>

últimas”. Como a identidade homossexual é visto como não natural e diferente da comum, é necessário que os indivíduos LGBT se identifiquem com seus semelhantes, criando um grupo mais forte e capaz de veicular uma imagem própria, como um contraponto à heteronormatividade.

2.2. Experiência de vida do Richard...

Sou uma pessoa que nem sempre sou bem-humorada. Tenho meus dias. Tem dia que não quero falar com ninguém. Mas sou bem sincero, o que tiver de falar eu falo. Não gosto muito de relações duradouras. Até mesmo porque acho que ainda não encontrei ninguém ao ponto de assumir tal compromisso. Todo mundo sabe quem eu sou. Gosto de dar boas gargalhadas, me divirto muito. Mas não pisem no meu calo, porque rodo a baiana. Gosto de homens sim, mas não preciso ficar mostrando pra todo mundo o que sou. Falo isso porque tem muitos que, além de ser viado, ainda têm que mostrar pros outros que é, fazendo escândalo, chamando atenção, sabe! E isso me irrita. Mas tirando isso, sou o que sou! E gosto do que sou! E adoro uns cachinhos loiros kkkkkk. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Richard, acadêmico do curso de Educação Física, com idade de 38 anos, moço alegre, bem extrovertido e se assume como gay. Filho único, pai militar, pais separados, atualmente mora com sua mãe. Com idade de 08 anos já tinha consciência de que não se parecia igual aos meninos heteros da sua idade e, em suas trajetórias narradas, o estigma matizou as interações na escola e na sua idade adulta.

Bagagli (2017, p. 138) pondera sobre sexualidade definindo-a como o desejo de seres de gêneros iguais, nomeados homossexuais; de gêneros diferentes, como heterossexuais; e mais de um gênero, como bissexuais. Essas classificações podem estar adequadas ou não à sociedade em questão e atender, ou não, às nomeações realizadas no nascimento da criança. “Como corresponder aos anseios da sociedade, dos pais e da família que desconhecem ou ignoram essas possibilidades? Como acolher o “diferente” dos padrões pré-estabelecidos pela fisiologia?” (BAGAGLI, 2017, p. 138).

Imerso nesse contexto, introduzo Richard e sua infância contraditória:

O que posso dizer sobre minha infância, foi boa e não foi. Não sei explicar direito. Filho único, pai militar, já pode imaginar. Mas por outro lado, se eu tivesse me aceitado gay, enquanto era uma “criança viada”, talvez não tivesse passado por algumas situações. Mesmo criança, com idade de 08 anos eu já tinha uma consciência de que não me parecia igual aos meninos heteros da minha idade. Uma vez meu pai me levou em uma escolinha de futebol, para ver se eu aproximava do esporte, afinal os meus colegas da escola só me falavam de futebol e eu queria morrer de raiva. Mas tentei fazer o gosto do meu pai. Ilusão! Nesse momento cheguei à conclusão que a aula de futebol não era comigo, desisti do esporte, e me ocupei em assistir televisão, ler um livro ou outras coisas que não estavam relacionadas como brincadeiras de meninos. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

No primeiro momento, o que poderia ser visto como uma simples brincadeira, zombaria ou chacota, passa a ser algo então com dimensões maiores, ocasionando transtornos de ordem física ou psicológica. A toda essa violência observada, dá-se o nome de *bullying*. De acordo com Pereira (2002), a intenção do *bullying* sempre é magoar, ofender e torturar a vítima, sendo esse ato manifesto principalmente de três modos: agressões verbais diretas, agressões indiretas e agressões físicas diretas.

Reflito nesse momento sobre como se constitui a identidade de gênero a partir do nascimento, norteadada pela determinação sexual biológica da criança, associando ao gênero estereotipado adequado ao seu sexo, decretando sumariamente seu processo de socialização e, conseqüentemente, no âmbito escolar. A escola acaba por contribuir com esses equívocos, sem questionar suas contradições.

Na verdade, eu não gosto de recordar de alguns acontecimentos, prefiro esquecer o que passou e seguir em frente, porque na escola foi bem difícil. Me lembro dos meus colegas me chamando de “viadinho” quando estavam todos no pátio da escola. Não gosto de lembrar quando fui agredido fisicamente por um menino, que já naquela época me chamava de “menininha”. E de certa forma é interessante quando você fala nessas questões, porque isso já aconteceu faz muito tempo e ainda nos deparamos com essas situações e essas expressões utilizadas na escola. Percebo que o ontem ainda se encontra no hoje. E quando isso vai mudar? Precisa que o espaço escolar se torne realmente um lugar de acolhimento e de cuidado. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A partir da entrevista de Richard, foi possível constatar o quanto o tema é espinhoso e merece uma maior preocupação por parte dos profissionais diretamente ligados ao processo educacional, ou seja, professores, diretores e pedagogos. É preciso ter em mente que o problema é grave, merece uma atenção especial e que há necessidade de compreendê-lo em, com o propósito de buscar uma mudança eficaz e impedir que casos desse tipo não voltem a acontecer e entrem para a estatística de um cenário lamentável.

Reafirmo que a escola, enquanto instituição e braço da sociedade é um espaço de cuidado, reflexão e acolhimento. Ela corresponde ao acesso à informação, portanto a formação docente e o palco de observação e atuação ofertado pelo contexto de aprendizagem são ricos em vivências e propício para ressignificar os novos saberes que nos desafiam atualmente.

Ao investigar a origem do conflito, ou seja, as diferenças entre garotos e garotas, identificam-se fatores sociais e culturais arraigados nesses parâmetros, “[...] são gestos singulares, sem razão específica de ser, que perpetuamos sem consciência, sem pensar, em um procedimento automatizado na aprendizagem”. (FINCO, 2012, p. 51).

Finco (2012, p. 51) confirma que “[...] as estruturas educacionais ainda estão sedimentadas em teorias biológicas para constituição da identidade de gênero e da sexualidade de crianças.” Esse controle de ações limita o desenvolvimento de habilidades individuais, desenvolvimento da criatividade, limitando o desenvolvimento integral dos indivíduos.

No estágio da faculdade, foi bem interessante, porque também pude observar essas questões. Vejo que a escola, na verdade, não percebe a sua importância na vida de uma criança. Eu falo por mim mesmo, tudo que se aprende e passa nesse lugar é para a vida toda. E muitas das vezes aquele cuidado passa, causando assim muitos transtornos na vida de uma criança, tanto física psicológica e emocional. E algumas dessas violências como as psicológicas percorreram toda a minha vida escolar, simplesmente sofri as dores por ser diferente. E o diferente incomoda. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Ao confrontar as identidades, tanto de gênero como a sexual, precisa ficar claro que em ambos os aspectos a evolução, a adequação e a ressignificação são dinâmicas, vivas. A identificação do sexo, que é concebida ao nascimento, pode não estar de acordo com o querer do indivíduo, se concretizando, aos poucos, com sua maturidade e inserção social.

Desse modo, a escola tem a relevante tarefa de dar suporte, tanto aos alunos quanto aos pais e funcionários. Sendo um palco de aprendizagem e informação, a escola, quando engajada em sua função social, pode ser o esteio dessas transformações, impedindo a replicação de imposições repetitivas e controladoras. Essa postura adotada por uma escola, mas desejada pela sociedade, consolida sua função educadora.

Para além da função de educação, a escola ainda é um espaço de promoção de encontros e experiências. Ao agrupar pessoas de diferentes origens e culturas, acaba por incentivar novos comportamentos e experimentos. Esses momentos podem ser decisivos para a solidificação do cidadão pleno, seguro de suas decisões e de seu lugar na sociedade.

Retomando a narrativa de Apolo, quando aproximou o ensino médio, surgiu uma nova fase que produziu mudança na vida do acadêmico. Foi a partir daí que começou sua grande fase de autoaceitação, pois foi quando ele começou a se questionar sobre os seus sentimentos perante as demais pessoas. Foi possível perceber que a expressão da sexualidade se apresenta por meio de boas, assim como de dolorosas descobertas, principalmente quando não se tem a oportunidade de aproximação com diálogos sobre sexualidade no momento do desenvolvimento da vida do indivíduo:

Fui cursar ensino médio. Lá me deparei com muitas meninas, no qual uma delas se sentiu atraída pelos meus olhos verdes. Confesso que fiquei um pouco abalado, parecia que o meu outro eu queria sair de mim. Minha cabeça pirou. Conheci também alguns garotos bem interessantes. Não deu outra, meu coração balançou por um garoto da escola. E com ele tive a minha primeira experiência sexual. Naquele

tempo não me passou pela cabeça que eu poderia ser bissexual, porque eu realmente gostava de meninos. As meninas continuavam me tentando. Não deu certo. E essa experiência com uma menina foi somente uma vez. Acho que faltou instinto de macho, mas isso é algo que eu não tenho. Eu admiro muito o mundo masculino. Queria fazer parte dele, mas não dá. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

O amparo da sociedade e da família nesse momento de construção de identidade é salutar. Sentir-se pertencente a um grupo, ser aceito e acolhido é encorajador e valida as escolhas, principalmente se essas saírem do padrão comportamental imposto pelo mundo hétero.

De acordo com as pesquisadoras Rodrigues e Carmo (2013, p.17), “[...] o suporte familiar atual de casais homossexuais não é sua família biológica, mas sim famílias escolhidas por afinidade, que pactuam e suportam essa constituição familiar”. As autoras ainda relatam que a maneira como a família de origem reage à informação da homossexualidade pode contribuir ou não para a consolidação da família de seus entes homossexuais. O suporte parental parece exercer positivamente na estabilidade do novo vínculo afetivo. Sob esse prisma, Richard menciona:

Eu falo que cada um pensa de uma forma. É algo meio complicado essas questões, quando se trata de família. Tudo vai depender do que ela representa para você. Assim, se na sua formação eles foram a sua base, foram importantes, estiveram sempre presentes na sua vida, então, é natural que você queira que eles participem de sua vida afetiva. Eu penso assim, que também tudo vai depender do que a palavra família representa para você. Em relação a mim, tem muito significado, porque sempre foi uma base forte. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Os autores Santos e Bernardes (2008) fizeram-me refletir sobre as expectativas e demandas sociais e familiares de nossa cultura heterossexista¹⁸, para a qual as questões de consciência, como a escolha do parceiro, pode ocasionar nojo, desapontamento e até revolta, proporcionando uma discriminação opressiva (consciente ou não) contra aqueles que se atrevem a declarar sua maneira de ser e de estar no mundo, de um modo diferente dos demais:

Eu tinha 20 anos e fui fazer um bico como bar tender para ganhar um dinheiro e juntar para a faculdade. No local, conheci um dos caras que estava consumindo aquela noite, deveria ter mais ou menos a minha idade. Após, no fim do expediente, me convidou para sairmos e ir para um motel, mas que eu aceitasse mais um parceiro. Concordei. Não sei onde eu estava com a cabeça. Fizemos sexo a três. Logo depois, ele foi para o banho, e quando já estava perto de sair, chamou o outro parceiro e disse: “Pai, acerta a conta”. Como assim? Pai? Ele era filho, aliás, eu tinha transado com pai e filho? Fiquei indignado, em silêncio e com nojo. Como assim? Um cara que sai pra noite com seu pai e ainda o leva para prostituição? Aquilo me encheu de vários sentimentos ruins, porque eu fiquei pensando na esposa que estava em casa e seu marido a traiu com um viado. Quando cheguei em casa, chorei muito, tomei outro banho e me esfregava tanto, de nojo, de raiva que eu estava sentindo naquele momento. Fiquei pensando o que o pai e o filho falaram daquele momento. Me senti a pior pessoa desse mundo. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

¹⁸Cultura heterossexista é a atitude de preconceito, discriminação, negação, estigmatização ou ódio contra toda orientação sexual que não seja a heterossexual, expressa de forma sistêmica.

O acadêmico se depara com a culpa de não ser quem “os outros” esperavam, de não ser quem eles “deveriam” ser. Perseguido por um sofrimento intenso se julga culpado por algo que não consegue controlar e essa culpa aparece de várias formas. Uma parte do seu corpo pede sexo com homens e a outra sente nojo, se lavando por horas depois do ato, e mesmo assim se sentindo sujo. Diante disso, conforme apresenta os autores, que em contraste com outras emoções, o nojo é compreendido como algo errado, sujo, impuro e que traz a vergonha.

Aurel Kolnai (2013, p.182) afirma que mais do que provocador, o nojo é algo que perturba. “O nojo se relaciona com esse algo que toma e invade o corpo sensível da pessoa, a presença intrusiva de algo que se esboça para além do julgamento de valor, mas que em muitas das ocasiões se relaciona com a dinâmica inconsciente em que se fixam as ordens morais”. Prosseguindo com Erving Goffman (1988, p. 85) Que a vergonha pode ser definida, “quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro... aquele sentimento de auto-castigo que surge quando estamos convencidos de que existe algo em nós mesmos que é errado, inferior, falho, fraco ou sujo”.

Tal como nos aponta Judith Butler (2003, p. 200) que o “abjeto é o exterior constitutivo da norma, aquilo que se localiza para além dos limites do inteligível.” Deste modo, chama a atenção o impacto desta categoria nas mais diversas análises, deixando claro que passa a denominar como o transgressor, o sujo, monstruoso ou dissidente.

2.3. Experiência de vida de Miss Lister...

Uma pessoa de 40¹⁹ anos, que por vezes se vê como um homem de 40 anos, inocente, ingênuo e inseguro, como muitos. Outras vezes como uma mulher de 40 anos, inteligente, segura, confiante, independente, como muitas mulheres maduras dessa idade. Me sinto hoje com mais certezas do que nunca tive, porém ainda com muitas dúvidas sobre si neste mundo. Quem sou eu hoje: Um ser humano em constante evolução, se descobrindo dia após dia. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A acadêmica de Educação Física, mulher lésbica, relata que desde pequena já se vestia como a sociedade impunha ao gênero feminino. Nessa época, a jovem tão pequena, já exteriorizava um comportamento considerado diferente para a idade e incomum para uma menina. Ela sempre gostou mais das brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde. As bonecas não eram vistas como algo que queria ter como brincadeira naquele momento.

¹⁹ Idade da acadêmica no momento da entrevista

Durante boa parte da infância fui criada como uma bonequinha de porcelana pelos meus pais, seja na maneira de me vestir, seja na de me apresentarem para a famosa sociedade. Sou a única filha. Eu me sentia um pouco diferente das outras meninas com as quais eu convivia: enquanto elas adoravam vestidinhos, lacinhos, enfeites, eu amava usar camiseta comprida e bermudão, não ligava muito em ficar me arrumando e cuidando dos cabelos, até mesmo porque cabelo de negro é um problema sério para cuidar. Apesar de não gostar do universo “de princesas”, brincava de bonecas com algumas amiguinhas, às vezes com uma de minhas primas. Só que eu não curti muito brincar de casinha. Assim, começaram a reclamar que eu não sabia brincar. Preferia ficar correndo, brincando de pega-pega, esconde-esconde, então passamos a nos divertir mais. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A partir daí, já com sete anos, a entrevistada inicia sua vida. As brincadeiras com os meninos e a dificuldade de socialização com as meninas acompanharam a jovem garota, pois para ela nada daquilo que gostava parecia ser errado, porém para as outras pessoas ele era diferente:

Comecei a estudar com sete anos de idade e os primeiros passos na escola foram prazerosos. A professora querida, os amiguinhos, o parquinho, tudo que alegrava as minhas manhãs e meus dias. Tudo parecia ir muito bem, até quando comecei a perceber o fato de ser uma menina diferente, porque eu acho que já me considerava sim diferente das outras, mesmo com idade tão pequena, e então me encontrei fora do padrão modelado pela sociedade. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

No que se refere às manifestações homofóbicas no ambiente escolar, Louro (1997) chama a atenção para o processo de “fabricação” dos sujeitos e das diferenças de identidades e corpos escolarizados, conforme as práticas cotidianas em que estes estão envolvidos, ressaltando que é preciso estarmos atentos ao processo de banalização de gestos e palavras utilizados do cotidiano. Esses gestos e palavras muitas vezes são usados como naturais, em razão de esconderem as manifestações homofóbicas direcionadas ao grupo LGBT.

No contexto da discriminação, os relatos expõem que:

[...] era nítido, sentia que não gostavam de mim. ”[...] quando aconteciam as festinhas na escola, as meninas iam todas bem arrumadinhas com vestidos, sapatinhos, lacinhos no cabelo e eu, com camiseta, *boné*, e foi aí que começaram a me achar estranha. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Mesmo existindo a presença do preconceito em ambientes como escola, recordo que

[...]a professora colocou uma música romântica e nós duas ficamos ali cantando, e no final quase nos beijamos, e todos que estavam ali começaram a cochichar e nos chamar de sapatão. [...] a minha escola, foi se transformando em um espaço fotocópia de casa, onde mecanismo de controle sobre como deveria me vestir, como deveria me sentir e comportar, onde deveria ser o contrário quando falo da maneira como deveria me sentir”. [...] impediam que eu pudesse ser a minha verdade. [...] o rótulo de “sapatão” foi ganhando popularidade e muitos medos, muitas incertezas. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A ausência de ações educativas planejadas sobre diversidade sexual e sexualidade

no ponto de vista do enfrentamento à homofobia nos espaços escolares torna-se notório, de modo que são os jovens LGBT, no acaso escolar, que têm incluído as temáticas da diversidade sexual. Alves e Mota (2015) consideram que a orientação sexual e a identidade de gênero são construções que vão sendo ajustadas progressivamente, não havendo uma idade certa definidora para iniciar tal etapa, mas é fato que na adolescência as sensações ficam mais evidentes.

Em vim de uma época que não havia diálogo em casa e nem na escola sobre toda essa metamorfose que eu passava a viver. Diferente de hoje em dia, que os pais estão aceitando mais a orientação sexual do seu filho(a). Nas escolas já se discute sobre tal assunto. Então, muitas mudanças acontecendo comigo, a cabeça e o coração a mil, hormônios tomando conta do todo. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Ao relatar sobre violência psicológica, a fala da acadêmica lésbica deixa transparecer o abuso enfrentado de natureza verbal, por meio de diversos insultos, gozações e ameaças, como também de cunho social, mediante rumores e exclusão de natureza emocional. Assim, fica evidente que as formas verbal e social são as mais citadas por referir-se a si utilizando as expressões: “[...] estar acima do peso” “[...] negra do cabelo “ruim”, “[...]“nega da bunda grande” “[...] “Raimunda” “[...]“vaca leiteira”, e eu ficava muito constrangida e isso abalava a minha autoestima”. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Sobre o sofrimento da acadêmica, o que mais apareceu nos relatos foram:

As pessoas ali viam e ouviam, e não faziam nada, ninguém me ajudou a sair daquela situação, me senti humilhada, machucada e abusada. [...] Por muitas vezes chorei escondida, os alunos e nem os professores conseguiram descobrir o motivo de minhas lágrimas. [...] medo de expor meus sentimentos ou algo contra eles e sofrer outros tipos de violências. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Podemos considerar que é algo normal quando um homossexual, mesmo quando criança, ser conduzido a um psicólogo para conversar e tentar compreender o porquê de ele ser diferente dos demais colegas. Em alguns casos, os pais acreditam que o filho está passando por algum tipo de fase, que é passageiro.

Com 12 anos de idade eu já procurava imagens de mulheres nuas. Uma vez, minha mãe me pegou olhando uma foto dessas; levei uma surra e ainda escutei muita coisa negativa sobre pornografia e homossexualidade, como se fosse algo bem demoníaco, e isso me fez ter medo de demonstrar vontades e qualquer coisa relacionada à sexualidade, principalmente para a minha mãe, pela qual sempre tive muito respeito. Mas sabemos que elas são muito inteligentes, sentem com o coração, no fundo sabia o que estava acontecendo comigo. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Seguindo com os trechos da fala da acadêmica, ela relatou ter sido um processo complexo de autoaceitação, sentidos e desejos muitas vezes foram reprimidos, às vezes se sentia confusa, como abordado nos trechos: “[...] eu sentia uma vontade incontrolável de beijá-la, lembro-me que ficava tentando fazer essa vontade passar”; “[...] e mesmo assim eu

mantinha essa paixão platônica”. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Como relatado pelos autores Poeschl *et al.* (2012), a “[...] ‘criação de armários’ é descrita como uma forma dos indivíduos se protegerem de conceitos religiosos e sociais, a fim de manter-se ‘trancados em si’”. Essas considerações foram descritas na trajetória da mulher lésbica, sendo a religião uma das maiores motivações pela negação de sua identidade, como confirma o relato:

Eu rezava a noite toda, pensando que essa vontade, todos esses desejos, estavam sendo impulsionados pelo demônio. Minha mãe e minha tia frequentavam a igreja aos domingos e todos os dilemas morais vinculados ao pecado estavam bem presentes na minha cabeça e ainda, algumas vezes, sendo reforçados pela minha mãe. Fui ficando com tanto medo de pecar, fazendo assim, que eu negasse os meus desejos e tentasse viver como hétero, mas estava ficando cada dia mais difícil esconder o meu querer. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Em consonância com a fala da acadêmica, os autores Silva *et al.* (2013), levam a perceber que a diversidade sexual e de gênero é vista como pecado para a maioria das religiões cristãs brasileiras. Então, a maioria desses jovens LGBT acabam se escondendo em discursos dogmáticos da igreja, imaginando estar doentes e que não conseguem viver bem sem ser discriminados, tendo a família como fortalecedora da visão patológica equivocada sobre diversidade sexual.

Por certo tempo, a negação dos sentidos, desejos e vontades esteve presente na trajetória dessa jovem, como verificado nos trechos:

[...] que não gostava de beijar meninos, pois não tinha a mesma sensação, a mesma intensidade, de quando beijava meninas [...] por parte dos meninos até acontecia, mas eu não curtia, ficava incomodada. [...]tentei ficar com alguns meninos [...] atração incontrolável era bem maior com as meninas. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A partir da fala da entrevistada foi possível observar que a expressão da sexualidade se revela, mas também ocorrem descobertas dolorosas, principalmente quando não se tem acesso a diálogos sobre sexualidade no contexto do desenvolvimento da vida dos jovens: “Nem sei por onde começar foram tantas meninas que já beijei; [...] muitas marcas e afetos que tiveram pouca e muita importância em minha vida; [...] uns vivenciados de maneira significativa; [...]Alguns foram fulminantes, algumas coisas que nem gosto de lembrar, a ponto de me tirar do controle”. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

De acordo com Louro (2000, p.17), “é preciso manter a ‘inocência’ e a ‘pureza’ das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais”. Percebe-se que temas como primeiro beijo e primeira vez, bem como a percepção da orientação sexual diferente das normas impostas pela sociedade representam

preocupação comum da acadêmica entrevistada:

Na puberdade, tentei alguns relacionamentos com meninos, mas não deu muito certo [...]. Fiquei doida! Beijava todas! [...]. Bebia muito, saia toda noite. [...] A minha loucura difícil de aceitar, era beijar meninas e só consegui realizar esse sonho depois de bastante tempo”. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A descoberta do prazer diferente da visão heteronormativa relatada pela acadêmica normalmente vem cercada de sofrimento e ansiedade, embora as preocupações e os interesses dos jovens sobre sexualidade, na maioria das vezes, sejam quase sempre os mesmos. No que se refere à diferença entre as falas na pesquisa com os entrevistados, é importante ressaltar que o tema sobre a primeira relação sexual foi apresentado como experiência positiva e negativa.

A primeira experiência sexual da acadêmica em questão foi vivenciada de forma positiva, apesar das chacotas em relação à sua sexualidade:

A minha primeira vez foi com uma menina, isso mesmo!, com uma menina. Foi um momento incrível! Só quem vive isso sabe dizer. Não deu certo com a minha primeira paixão, mas depois conheci outra pelo site Tinder. Ficamos conversando quase um mês antes de nos relacionarmos e foi tudo planejado. Mas como todas as outras não durou muito tempo. Começaram a espalhar que eu tinha ficado com uma menina e que eu era sapatão. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A partir dos estudos de Oksal (2008), mais precisamente aqueles que se referem ao processo de aceitação de mães perante o momento da revelação da orientação sexual dos filhos, percebe-se que os homossexuais que recebem apoio da família conseguem, de forma mais tranquila, lidar com as questões ligadas à sua sexualidade. Desse modo, é observado que as mães podem passar pelo processo de invisibilidade da orientação sexual dos filhos, na tentativa de protegê-los e escapar das possíveis preocupações diante do sofrimento deles:

Minha mãe sempre observa o que estava acontecendo. Porque olho de mãe é mágico. Impressionante! Diante de tudo que estava vivenciando, foi ficando cada vez mais difícil esconder da minha mãe o que eu já não conseguia esconder de mim mesma e resolvi contar para ela todo o meu sofrimento. Mas não foi tão fácil assim, porque neguei por várias vezes, até assumir que sou lésbica. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

A aproximação e a inclusão desses alunos em grupos de debates ou em um projeto de educação em sexualidade, promoção da saúde e direitos humanos em espaço escolar tornou-se um canal de fortalecimento das suas identidades e de vivência de suas sexualidades. Isso foi declarado em várias falas:

Confesso que fiquei com receio de me mostrar lésbica quando participei do projeto na escola. Fiquei com medo de ser julgada como nas outras vezes em que me escondi. Percebi com o tempo que poderia ser eu mesma, como nunca tinha tido oportunidade de ser. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Por meio da sua história, a acadêmica se depara com a possibilidade de ter

direito e voz, que, segundo Freire (1996), fortalece a condição de que o jovem não seja apenas um objeto, mas sujeito de sua história:

Contar a minha história se tornou um processo maravilhoso, me fez ressignificar muita coisa. Atualmente acredito que sou voz e falo o que nunca tinha tido oportunidade de falar, agora ninguém mais me silencia por motivo algum. Percebo-me mulher lésbica com muito orgulho e luto por ter o meu espaço conquistado aqui e em todo lugar por onde eu passar. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

O sentimento de alegria da acadêmica e ao mesmo tempo de alívio em poder relatar sua experiência de vida, expor sua sexualidade, e o orgulho de se sentir uma mulher lésbica.

Os estudos de Souza e Santos (2012) evidenciam o quanto os sujeitos podem vivenciar a sua afetividade e sexualidade de um jeito mais satisfatório, com o intuito de fazer a diferença, acreditando na possibilidade de desconstruir preconceitos e mitos em torno da diversidade sexual nas escolas, da sexualidade e do gênero.

2.4. Experiência de vida de Henrique...

Se você perguntar quem sou eu, nunca terei uma resposta curta para lhe dar. Pois eu sou muita coisa dentro de uma pessoa só. Hoje sou assim, mas ontem fui diferente e amanhã vou querer mudar outras coisas em mim. Por isso sou esse conjunto do que fui, sou e quero ser [risos]. Sou o resultado de muitas lágrimas, e ainda mais sorrisos. Vivo de sonhos e de vontade de os realizar. Sou o que a vida vem fazendo de mim e aquilo que quero ser, mas nunca para agradar a ninguém e sempre para me sentir feliz! (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Henrique, com idade de 27 anos, rapaz muito falante, hoje com uma personalidade forte, apaixonado pela arte da dança, além de acadêmico de Educação Física, se assume como homem gay. Filho único, pais separados, mãe lésbica, traz consigo desde muito cedo uma infância conflituosa e marcada por processos de agressividades, rigores e hostilidades.

A partir dos 7 anos de idade, após abuso sexual por parte de um amigo da família, o meu primeiro olhar sobre a vida foi de repulsa, pois os olhares que deveriam me acolher já eram de estranhamento. Sentia-me diferente e em casa o silêncio já representava “controle-se!” (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

De acordo com Furniss (1993), a violação extrafamiliar se refere aos casos em que o abusador não possui nenhuma relação familiar com a vítima, podendo o abuso ser cometido por pessoas desconhecidas ou mesmo amigos da família. Segundo esse autor, existe a ocorrência do complô do silêncio, chamando a atenção para o fato de que a denúncia do segredo traz à tona a dinâmica de violência que ocorre dentro da própria família. Por diversas vezes, a violência é negada ou mantida para o próprio equilíbrio familiar.

Reconhecer um filho homossexual em um núcleo familiar heterossexual é, na maioria das vezes, devastador para os pais. “Ao revelar-se com escolhas sexuais diferentes da adotada

desde o nascimento faz com que os pais se sintam traídos, provocando desequilíbrio e estresse no convívio familiar”. (FRANÇA, 2009, p. 25). O desconhecido gera raiva, angústia e culpa, afastando seus entes queridos quando esses mais precisam de suporte e acolhimento. Ainda de acordo com França (2009, p. 25), a não aceitação por parte dos familiares do homossexual, “[...] pode desencadear um processo doloroso de marginalização e exclusão, não por atitudes que posam ser controladas, mas por sua própria essência”.

Contar sobre a minha infância é entrar em uma caverna fria, escura e solitária. É muito doloroso relembrar o passado, o qual por um tempo decidi abafar e fingir que nunca existiu. Mas como sensações e sentimentos se manifestam, é chegado um momento em que é necessário falar. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Assumir-se perante a família e a sociedade é extremamente importante para o cidadão homossexual. “Ser aceito por sua orientação sexual pressupõe-se a garantia de ter seu espaço reconhecido e valorizado, seus direitos protegidos e sua integridade física e emocional preservada”. (LOURO, 1997, p. 07). A rede de convívio compostas por familiares, amigos e companheiros de vida permite a troca de experiência, de afeto e de suporte de vida. Não encontrar esse lugar de conforto pode gerar ansiedade e depressão, fazendo com que o sujeito questione sua própria existência e coloque-se, frequentemente, em risco de morte.

As coisas começaram a piorar quando minha mãe percebeu a minha evidente feminilidade. Ela se transformou, qualquer coisa ela já me chamava de “viadinho”. Passamos a viver uma guerra dentro de casa. Diante da caverna fria, escura e solitária que vivenciava, pensamentos suicidas começaram a ficar intensos na minha cabeça. E aos 21 anos de idade concretizou a tentativa. Não é fácil levar uma vida de mentiras. Com toda essa cobrança para ser alguém “normal” e deixar de envergonhar a minha família, foi crescendo a solidão, fui me afastando, não tinha ninguém para conversar. Me questionava todos os dias sobre a minha existência, até que eu comecei a sentir pânico de viver. Fui levando como podia minha pequena vida, procurando sempre me defender, fui me amando como podia, já que eu era repudiado até por quem me deu à luz. Mesmo mergulhado em tantos conflitos, outras portas começaram a se abrir e, com ela, a esperança de vivenciar um pouco de acolhimento. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Nesse contexto de abandono e solidão, a escola surge para a criança homossexual como um espaço de esperança e inclusão. Na prática, isso não acontece, seja por falta de preparo dos educadores, seja pela homofobia intrínseca na cultura hétero brasileira. O que identificamos nesses espaços de aprendizagem é o convívio entre crianças que seguem normas comportamentais heteronormativas, “[...] restringindo as atitudes e comportamento pré-determinados entre meninos e meninas, impondo características de gênero nem sempre reconhecidas pelas crianças tidas como ‘anormais’” (FINCO, 2012, p. 48). Essas características assustam os profissionais da educação, que, no intuito de ajudar, levam os estudantes a apresentarem posicionamentos estereotipados pelo sexo feminino e masculino, em que qualquer transgressão a essas regras é tratada como problema.

Meu coração se encheu de alegria ao chegar na escola e me deparar com um espaço colorido, crianças correndo, brincando e se abraçando. Eu queria fazer parte de tudo isso, mas as aparências enganam e a alegria dura pouco, nem todas as crianças me acolhiam. Fui enxergando aos poucos o retrato da solidão, da exclusão, do preconceito e do *bullying*. A escola estava se tornando um lugar de pesadelo e agressões constantes. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Com a intenção de resolver esses conflitos, professores normatizam comportamentos com base na sociedade e na cultura dessa criança. “Gestos e atitudes internalizados no processo educacional, tornam-se parâmetros para julgamentos e punições.” (FINCO, 2012, p. 51). Os educandos que não se enquadram são reprimidos em suas expressões e jeito de ser, inibindo qualquer possibilidade de criação ou interação com outras crianças.

Esse desamparo na primeira infância no ambiente escolar tende a repercutir por todo o processo de ensino. Jovens homossexuais que não são acolhidos em sua individualidade ficam marcados por todo seu processo de formação. Com o passar dos anos, as diferenças ficam cada vez mais visíveis e a exclusão pelos demais alunos transforma-se em indiferença ou violência. Não incomum, esses jovens encontram alento no álcool e nas drogas, e a exclusão, que já era evidente, fica insuportável.

A minha puberdade foi dolorosa, machuca toda a alma. Tentava me olhar no espelho e só enxergava incompletude, faltava algo em mim, eu percebia que aquela aparência não me representava, eu procurava uma imagem feminina. Essa no qual me era cobrada o tempo todo “ser homem”. Por algumas vezes me drogava. Isso me aliviava e me anestesiava por alguns momentos, mas quando passava o efeito, eu voltava à dura realidade. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Butler (1990) destaca a não naturalidade do gênero e a não necessária relação entre corpo biológico e gênero construído socialmente. Para a autora, isso implicaria a existência de um corpo nomeado como “fêmea”, sem mostrar traços geralmente identificados como femininos, e um corpo “macho”, sem traços normais masculinos.

É possível que um corpo denominado feminino possa sinalizar gestos apresentados como masculino em uma determinada cultura, por exemplo. “Tais identidades de gênero se manifestam também em corpos de homens femininos e de mulheres masculinas”. (LEITE, 2011, p. 19).

É oportuno refletir a peculiaridade como a do homem gay que narrou o seu desespero ao perceber que nos relacionamentos ele precisaria se sentir feminino, tendo surgido a necessidade da hormonização. (GALLI, 2013).

O conflito com a minha imagem era tão grande que teve um momento que tentei me convencer de que poderia ser um homem bonito, sarado e gay, mas não funcionou, porque eu queria mais. Queria ter seios lindos, mostrar a barriga com as roupas, isso até que eu fazia, porque sempre fui muito magro. Quando comecei o tratamento com

hormonioterapia²⁰, foi maravilhoso sentir meus traços mais femininos, mas nunca foi fácil. Fui realizando uma transição bem devagar. Acho que foi uma forma de me proteger mais e viver menos preconceito. Através disso, a agressividade passou a ser minha válvula de escape e meu escudo de proteção. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Louro (2000) nos alerta que nas questões sobre a sexualidade, redobra-se a vigilância, mas que isso não deve sufocar a curiosidade e o interesse, conseguindo apenas limitar sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As fantasias, as dúvidas, as perguntas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Diante disso, para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual, as coisas se complicam ainda mais.

Mas, mesmo com medo, dei o meu primeiro beijo em um homem, quando já me percebia mulher, e ele me via também como mulher, mas foi uma noite. No ensino médio, já no segundo semestre, outro menino acelerou o meu coração, nossos olhares se cruzaram, bocas se encontraram e fiquei enlouquecido. Foi nesse momento que tive a certeza que queria ser mulher. Foi tão intensa essa relação que sonhei em me tornar a mulher da vida dele e precisava fazer de tudo para ficar na forma que eu queria. Chegamos a marcar um local para ficarmos juntos, já que eu não podia levá-lo para minha casa, mas percebi que era apenas o fogo aceso de longe. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

De acordo com os estudos de Duarte (2016) quando jovens meninos começam a dançar e a conviver no universo da dança, bem provável que enfrentarão um duplo preconceito dentro da própria família e no contexto social. Ainda de acordo com o autor, as expectativas e normas de gênero e, sobretudo, de sexualidade, são muito altas em relação ao mundo masculino padrão, conservador, especialmente a cobrança para se tornar um “homem de verdade”. (DUARTE, 2016, p.112).

O projeto de dança aparece como uma das maiores conquistas que o acadêmico identificou como relevantes em sua vida. Ele menciona que sua atuação no projeto propiciou a idealização de um percurso de vida baseado em trabalho, estudo, na percepção de seus valores, no acolhimento do outro, na conquista da autoestima e de direito à cidadania:

O projeto e a dança movimentavam em mim um processo de empoderamento: Me empoderar, enquanto gay, enquanto mulher, enquanto lésbica, enquanto ser humano, enquanto profissional, enquanto artista, enquanto a tudo que eu quisesse e me sentisse ser, e com isso passei a me sentir mais leve, a ter paz comigo mesmo. Mas as realidades de dores ainda me abalavam no contexto familiar e social, me cobravam muitas outras coisas e foi o momento da válvula de escape! (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Rocha *et al* (2012) apontam o suicídio como agressão contra a própria vida, que revela a condição de destruição em que se encontra a pessoa, e atribui esse ato às suas

²⁰Hormonização, também chamada de hormonioterapia, é uma modificação na corporalidade, que pode ser reversível, irreversível ou até parcialmente reversível, dependendo do caso. Pode ser feita tanto por pessoas cis quanto trans, porém daremos foco às pessoas trans.

relações interpessoais, seu fim existencial, não apenas para sua condição pessoal, deixando a vida com pouco significado, fazendo a morte parecer a opção mais viável para resolver seus problemas. O sofrimento na vida desse acadêmico é tão significativo que representa uma grande parte de sua trajetória. “O desafio é criar condições de ressignificar dores antes que elas se transformem em processo crônico, podendo levar a outros quadros mais complexos como depressão, ideação suicida e fugas da realidade”. (BRAGA *et al.*, p.1299 2018).

Mediante isso, momentos de crise frente à exclusão, ao preconceito e à discriminação podem aparecer como um desejo de colocar um ponto final nas adversidades, na depressão, no sofrimento e na solidão. Isso aparece representado na fala a seguir:

Um dia você acorda e percebe que nada mais vale a pena. Apesar de estar à frente e fazendo o que eu amava. Comecei a não querer mais dançar e parece que um processo depressivo tomou conta de mim, os pensamentos suicidas retornaram a minha vida, que me visitara aos 14 anos de idade, retornava com muita frequência e eu precisava me movimentar. Diante dessa dor, vou relatar aqui momentos que fizeram parte de minha trajetória e me fizeram sofrer, mas também renascer. Minha fuga iniciou em março de 2008; teve dia, momento e motivo. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Relacionado às dores e ao sofrimento, foi possível identificar alguns comportamentos advindos do acadêmico LGBT presente em sua vida diante do preconceito, da ideação suicida, dos refúgios, da autopunição, dos medos e dos esquecimentos, como relatado na fala do acadêmico:

E eu me lembro uma das primeiras vezes que não aguentava mais, porque toda situação estava me sufocando já, e tudo que eu tinha vivido ficou muito preso dentro de mim, como se eu vivesse como duas pessoas: a minha pessoa exterior todo mundo via, e a minha pessoa interior, ela era totalmente carregada por mágoas, por desprezo. Para que que eu tô vivendo? Qual é o sentido da vida? Viver da forma que eu estou vivendo! Então, eu comecei, todas as vezes que eu me sentia ruim, eu me sentia triste, aquela dor interior minha me afogava, eu comecei a praticar automutilação, para ninguém da família perceber, porque eu era extremamente calado e, como eu já tinha passado por uma experiência, que fiquei ninguém me ouvia, então para que eu vou ficar falando que eu sentia? Para que relatar aquilo que eu estava vivendo? Se eu sabia que ninguém ia me ouvir! Enfim, e aí eu comecei me automutilar, e em lugares do corpo que não dava para perceber que eu estava praticando. Eu cortava as coxas, cortava virilha, cortava um pouco abaixo da nádega, sempre com furos de agulha. Às vezes, a navalha da Gillette que eu cortava, e aquilo me aliviava, aquela dor na minha pele, fazia aliviar a minha dor mental. Toda aquela situação de sufoco mental, toda aquelas de cansaço mental, eu ficava aliviado. E assim então, fui fazendo essa prática, me desenvolvendo em cima disso daí. Em 2010, a família consequentemente sempre me rejeitando, porque nos meus 16 anos eu parei, pensei e falei desse jeito assim: Eu sou mulher! Eu não sou um homem! Eu sou uma mulher! Então eu comecei a querer me vestir como uma mulher, a querer ter uma postura de mulher, querer ter uma fisionomia de mulher, e isso fez com que a família mais ainda me rejeitasse, porque assim, como eu não entendia o que estava acontecendo comigo, eles também não me entende, não porque não sabia o que se passava dentro de mim, pelo fato de ser muito quieto, eu não queria me expressar, e eles também não me estressar, ninguém! Eu fui um adolescente que era bem pouco de amizade, conversava sempre o essencial. Então, sempre vivia numa vida escondida. Em 2014, eu estava cansado de me ver todo cortado, cheio de cicatrizes, porque os cortes, à medida que me cortava e ia se

passando, e o corpo se acostumando com aquele nível superficial de corte que eu fazia em mim. Automaticamente fui aprofundando cada vez mais a agulha também, aprofundando cada vez mais a gilete. Tem espaço para cortar, eu cortava. Tinha um lado que já tinha muita cicatriz, já começou a virar quelóide, e eu falei: Chega! Basta! Eu não tenho porque eu viver! Porque ninguém vai me aceitar como eu sou! Ninguém vai me entender! Porque eu vivo sozinho, eu sou sozinho! Ninguém para me defender! Então eu ateei fogo no meu próprio corpo. Na verdade, essa ação do suicídio, ele é um pouquinho complicado, porque dentro da minha experiência. Na verdade, eu ateei fogo, não com uma forma de morrer, mas uma forma de pedir socorro, tanto para minha família, como para a sociedade. Tipo assim: Ó! Tá acontecendo alguma coisa comigo! Eu não tô sabendo me livrar disso! Então, por favor, me ajuda! Então, eu creio que a maioria que tenta suicídio na verdade, eles não querem morrer, eles querem se livrar daquela situação que eles estão vivendo, e que não vê mais saída, e foi isso que eu fiz, eu não via mais saída. Então, eu peguei acetona, joguei no meu corpo e queimei. Acho que fiquei uns dois minutos queimando, e isso levou o que eu tivesse 70% do corpo queimado. Graças a Deus, não morri! Eu falo graças a Deus, não morri! Porque através dessa experiência dolorosa eu passei, tanto a dor, tô sentindo fogo me queimando, como as dores do tratamento da recuperação hospitalar. E tudo que eu tive que enfrentar me ensinou a compreender quem eu sou de verdade, e o valor não tem que vir dos outros, o valor tem que vir de você mesmo! Então, todas as experiências que eu vivi no passado, que automaticamente me deixou uma ferida imensa, e até mesmo confuso de quem eu era. E porque eu era dessa maneira! Me ensinaram a ver que sim, eu sou uma pessoa importante! Porque eu sonho, e eu posso ser quem eu quiser! Ser porque eu tenho que ser! Eu não preciso perguntar: Será que se eu for amarelo vocês vão gostar? Ah! Será que se eu quiser falar outra língua, fora da minha língua, você não vai gostar? Não interessa! Não interessa o valor. E a partir dessa reflexão, cansado já de tantos procedimentos cirúrgicos, porque eu tive que fazer alguns enxertos de pele no corpo, e toda vez que eu tomava banho, que tirava um curativo para poder trocar por outro, sangrava muito, que tudo doía muito, e ao mesmo tempo, daquela dor, me trazia o entendimento de quem eu era, o que eu poderia fazer. (Entrevista realizada em 15 de abril de 2021).

Conforme menciona Silva (2006, p.122) O conflito identitário se dá quando “o processo ou desempenho identificatórios são travancados por contradições internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, não conseguindo realizar as exigências da norma identificatória e vindo o sujeito a sofrer psicologicamente, sendo sua identidade interpretada como desvio da normalidade”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Louro (1997, p. 27) aponta que toda a identidade sexual “é um construto estável, mutável e volátil. Não existe uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida, e, de outra, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha.”. Ao compreender-se que estas identidades não são fixas e ao manter a percepção de uma identidade sexual ou de gênero, o modelo padrão e normativo passa não só a ser seguido, como também cobrado e recomendado sem piedade pela nossa sociedade.

Diante de tudo isso, o acadêmico relatou um momento de crise e fuga, com o intuito de minimizar dores.

Nas palavras de Sobral 2021, nos faz refletir diante da sociedade em que vivemos

onde passa por constantes modificações e estas mudanças se refletem diretamente nos hábitos de consumo e comportamento das pessoas. E ao mencionarmos sobre a construção da identidade de gênero faz com que cada vez mais pessoas entendam que indivíduos que se posicionam enquanto trans travesti e não binários²¹ “homem-mulher” ou “masculino-feminino”, “são uma condição normal existente entre os seres humanos e na sociedade, demonstrando que essa relação vai além de corpos transgressores da normalidade, além da quebra de padrão da sociedade, mas que são corpos que estão em frequente negação de seus direitos e em uma constante condição de invisibilidade” (CHAGAS; NASCIMENTO, 2017,p. 77). Desta maneira, o acadêmico em seu relato se expressa:

[...] porque na chamada estava inserido o meu nome de batismo, ou seja, meu verdadeiro nome “de homem”. Um homem que transita pelo espaço da universidade com trajes femininos. E assim começamos! No primeiro dia circulei pela universidade vestido de oncinha, salto alto, maquiado e cabelos soltos. Foi um alvoroço! Causando assim comentários homofóbicos ao meu respeito. Até entender, como disse antes, ninguém estava pronto para tal acolhimento com uma travesti, porque até então era assim que eu me considerava. Recordo-me muito bem que não foi nada fácil, por várias vezes quiseram me expulsar das aulas. Mas como eu não tinha “tapa na língua”, as respostas eram a altura, independentemente de quem fosse. Cheguei a discutir até mesmo com um professor. [...]. Me vesti com uma bermuda de dormir, entrei no carro novamente, e fui ao centro da cidade até uma loja, e comprei várias vestimentas masculinas, como também os calçados. (Relato do acadêmico homem gay, 15.04.2021).

Percebem-se aspectos evidenciados na dinâmica de vida do acadêmico no ambiente de ensino superior manifesta por meio de discriminação, preconceito e aceitação. Pode-se também observar diante de tais fatos, que vivemos em uma sociedade subordinada a uma constituição que nos impõe o conceito do que é certo e errado e, em relação à homossexualidade, não poderia ser diferente (SILVA, 2007), o que possibilita a exclusão do indivíduo para consigo, negando sua realidade como modo de ser no mundo e uma tentativa de se encaixar em padrões.

Assim, no modelo heteronormativo os indivíduos são organizados de acordo com um padrão, no qual:

“(...) as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a

²¹ LANZ, Letícia. Dicionário transgênero. Curitiba: Editora Transgente, 2016. p. 12

referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual." (Louro, 2000, p. 9)

Neste caso, os grupos sociais que ocupam as posições centrais de normalidade não apenas ditam as normas para si mesmos, mas também para todos os outros.

Butler (2000) Seguindo este raciocínio de negação, exclusão e diferenciação, a autora vem assim nomeando como abjetos aqueles sujeitos cuja identidade de gênero e sexual contrapõem ao modelo heteronormativo, nos chama atenção para o fato de que:

“Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são "sujeitos", mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida.” (Butler, 2000, p. 112)

Portanto, por meio de dispositivos reguladores acionados por estes grupos sociais de poder e constantemente reafirmados, se (re)produz em nossa sociedade um sistema de diferenças que legitima e justifica o preconceito, discriminação e exclusão contra LGBT.

2.5. Experiência de vida da Shana em diálogo

Eu sou uma pessoa que considero uma incógnita pra mim mesmo. Sempre estou passando por mudanças, sempre em constante evolução, assim como na música de Raul Seixas: "Eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante". Tento sempre aprender tanto com meus erros quanto com erros das pessoas próximas. Sempre tentando aprender coisas novas, e tentando repassar o que aprendi. Sempre tento ajudar as pessoas quando posso e como posso, às vezes consigo, às vezes me sinto de mãos atadas. Sou bem confuso e indeciso, mas quando tomo minha decisão, não há quem faça eu mudar de ideia. Descubro a cada momento da minha vida, por agora sou de uma maneira, daqui uns dias, posso estar de outra maneira. E esse sou eu, uma caixinha de surpresa, mas que sempre leva alegria e diversão por onde passo. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Baseado nos estudos de Louro (1998), em que a autora apresenta que as identidades de gênero estão constantemente se transformando, se construindo nas relações sociais, os sujeitos vão produzindo suas identidades como femininos ou masculinos, conquistando suas disposições, seus espaços sociais, suas formas de ser e de estar no mundo. E esse processo de busca é sempre passageiro, mudando ao longo do tempo, historicamente, levando também em consideração as identidades sexuais, histórias pessoais, de classe, de raça, etc.

Sobre essa construção de gênero, Pereira e Braga (2011) defendem que ela se inicia

nas primeiras fases de nossas vidas, momento em que para a criança a divisão de gênero ainda não existe, mas esse processo de socialização de gênero é inserido de maneira sutil, em diversos momentos, por meio do que falar, do que brincar, como se comportar, o que vestir, portanto as opções são diferentes para homens e mulheres. O relato do acadêmico sobre sua infância atesta essa perspectiva:

Desde muito novo, sempre gostei de brincar de bonecas, usar maquiagem das minhas amigas, pintar as unhas e o cabelo. O que eu não me via mesmo era brincando na rua com os meninos, jogando bola. Sempre fui mais atraído pelas brincadeiras e brinquedos considerados de meninas. Acho porque são mais coloridos, com mais brilhos, florzinhas; não que os brinquedos considerados masculinos não sejam coloridos, mas é os das meninas que chamam mais a atenção. Principalmente o “kit casinha”. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Considerando esses aspectos Barreto e Silvestri (2007) destacam que os diálogos que percorrem o simples ato de brincar acontecem durante o manejo dos brinquedos fabricados pela indústria para separar o feminino e o masculino. Os autores advertem: “[...] porque os brinquedos possuem formas e propiciam usos que se destinam a instituir significados para que as crianças reproduzam os papéis socialmente estabelecidos” (BARRETO; SILVESTRI, 2007, p. 60.).

Viodres e Ristum (2008) ressaltam que a violência sexual extrafamiliar acontece também fora do âmbito familiar, podendo ser cometida por conhecidos, como colegas e vizinhos ou por desconhecidos. Portanto, o vitimizador pode ser um conhecido, ou desconhecido da família ou da criança. Quando essa violência sexual é praticada por adolescentes, mesmo as vítimas sendo crianças, algumas memórias evidenciam o sofrimento, seja pela solidão, seja pela violência. O relato a seguir expõe um caso de abuso sexual.

Além da família, alguns colegas vizinhos frequentavam a minha casa. Quando eu tinha uns 10 anos, fui abusado pelo colega do meu irmão que ia lá em casa. Eu não entendia direito tudo que aconteceu, mas tinha medo de contar para minha mãe. Era coagido a não falar. Ele tirava a minha calça, colocava o pênis dele na minha boca e forçava a relação. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Às vítimas de violência doméstica, a escola pode oferecer outros modelos de solução do problema e enfrentamento, “[...] promovendo grupos de discussão sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), desmistificando crenças sobre práticas educativas prejudiciais, violentas e abusivas, e promovendo oportunidades que desenvolvam o relacionamento com o grupo e com as diferenças”. (VIODRES; RISTUM, 2008, p. 20). Assim sendo, não se trata de delegar a responsabilidade pela transformação da sociedade à Educação, ou de acreditar que os problemas econômicos e sociais serão resolvidos por um ensino qualificado, mas trata-se do reconhecimento do papel fundamental da escola neste processo.

Butler (1990, p. 21), afirma que “[...] o gênero estabelece interseções com

modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”.

Nesse sentido, separar o conteúdo da categoria da condição em que ela é definida é um grande engano. O sujeito que está fora de classe, raça e etnia é oposto à identidade esperada socialmente, tornando-se algo diferente.

Os meninos foram percebendo que eu ficava só com as meninas, e começaram a fazer piadinhas. Eu era muito magro, pobre, preto e gay, mas eu mesmo não me aceitava, gostava de tudo de meninas, mas queria ser menino. Assim, fui ficando cada vez mais calado, na escola tentei passar a me comportar como um hetero para tentar afastar o preconceito que sofria, mas não deu muito certo e comecei a detestar aquele ambiente. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Louro (1997) declara em seus escritos que a negação da identidade homossexual no espaço como o da sala de aula acaba por aprisionar os alunos por meio das ofensas e gozações nos jogos e no recreio, fazendo com que, desse modo, lésbicas e jovens gays só possam se identificar como, indesejados, ridículos e desviantes. Junqueira (2009), ao relacionar o surgimento de problemas na descoberta da sexualidade com as práticas educativas escolares, defende que esses problemas acontecem porque o professor não saber como lidar com a situação. Afinal, passar ou não pela escola, pouco ou muito tempo, é uma das distinções sociais. Os corpos dos indivíduos devem, pois, expressar marcas visíveis desse processo.

Em algum momento, houve a citação de conflitos e dificuldades enfrentadas até mesmo pelo preconceito:

A escola que todos comentam que é um lugar aconchegante, onde se faz a inclusão, receptivo, família, que o professor é o espelho dos seus alunos. Lamento em dizer que essa não foi a escola por onde passei minha infância e adolescência. A que conheci e permaneci por um bom tempo foi se tornando uma bolha, espaço sufocante de olhares reprovativos e de exclusão. Não sentia abraços, acolhimento, convivência sadia e amigável. Eu experienciei ali o contrário: o julgamento, a frieza, eu me sentia na maioria das vezes, um doente, diferente de tudo e de todos é muito triste eu dizer que na verdade eu queria fugir desse lugar, não queria ficar mais ali. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Na adolescência, o estabelecimento dos vínculos de amizade é algo considerado importante para um adolescente. Então, nesse período, esse vínculo não aconteceu, somente os medos as dores e as repressões:

Chegou a minha adolescência. Não foi nada fácil, como também não foi nada simples admitir que eu senti atração por meninos. Principalmente devido a um cenário de medos, dores e repressões. Eu não tinha com quem dividir toda essa verdade que fluía de minha essência e sexualidade, como já disse antes, eu não queria aceitar amar o diferente. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Os escritos de Louro (2000) levam a reflexão sobre se um homem ou uma mulher deverão ser, obrigatoriamente, heterossexuais e se serão estimulados para tal. A autora defende que a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a

vida adulta. “É preciso manter a “inocência” e a “pureza” das crianças (e, se possível, dos adolescentes)”. (LOURO, 2000, p. 26). É preciso então que haja um difícil equilíbrio: de um lado, a estimulação à norma, do outro, a contenção da sexualidade infantil, ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais.

Tinha medo, ficava assustado, por várias vezes me questionava com os porquês: Por que sou assim? Por que não sou como os outros meninos? Ficava admirando os meninos somente de longe e imaginava ficar com eles em meus momentos de sono e sonho! Acho que é até estranho eu dizer que não admitia sentir prazer, sentia culpa e enquanto os meninos na escola e alguns da minha idade experimentavam a excitação da masturbação, eu não me permitia, pois sentia nojo. E mais uma vez me deparava com aqueles pensamentos: Como um menino pode não sentir prazer em se masturbar? Não tive nenhum relacionamento, porque tinha medo da minha família e, na verdade também pelos outros, sempre pensando no que as outras pessoas iriam dizer. Continuei me silenciando. O meu silêncio foi retratando desejos contidos, mas fui buscando novos caminhos. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Consequentemente, quando mencionamos o esporte, este é definido como uma experiência masculina, associado com características aparentemente viris, como “tenacidade mental”²² (COOK *et al.*, 2014, p. 336), já a dança é considerada como uma “atividade efeminada e suspeita para um corpo masculino” (MIGDALEK, 2015, p. 76). Também alguns estudos no Brasil, como o de Souza (2007), apontam para a mesma circunstância cultural. Como confirma o relato do acadêmico:

Desde as festas juninas na escola, sempre gostei de dançar. Mas sempre me vi dançando com algo mais. Vestimentas coloridas, muito brilho, aquela maquiagem que arrasa, cabelos com mechas azuis, pois sempre gostei de pintar os meus cabelos, apesar dele ser muito enrolado, porque cabelos de preto é muito difícil de deixar crescer e cuidar da forma como eu gosto. Enfim, sempre me vi no palco dançando, me apresentando no salto alto, com a música “Single Ladies”, da musa Beyoncé, minha maior inspiração. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Sanderson (2001) segue reforçando sobre a participação masculina na dança europeia ocidental, onde se mantém uma conduta culturalmente suspeita para muitos meninos, adolescentes e jovens. Polasek *et al* (2011) também contribuem para reforçar que aumenta constantemente a condenação e o *bullying* daqueles homens que dançam.

Assim, inserido nesse raciocínio cultural, o homem que dança pode ser considerado como “afeminado”, termo pejorativo que reforça uma oposição hierárquica entre masculino e feminino e entre o homem ao que tudo indica menos viril e aos modelos prevalentes de masculinidade heterossexual.

Comecei então, dançando em casa, assistindo vídeos, imitando, fazendo caras e

²²A tenacidade mental é mais do que uma atitude perante a vida. Ninguém vem a este mundo com essa capacidade inata de superar qualquer adversidade ou de unir a mais ousada determinação, com a qual alcançar qualquer objetivo ou propósito.

bocas. Olha o preconceito batendo na porta de novo na minha casa. Um desses dias meu irmão me viu dançando de salto e veio logo aquele comentário tão hostilizado relacionado na maioria das vezes, por quem não entende que homem que dança, não é homem: “virou viado?” “Quem te ver assim, vai saber que é viado”. Nossa! Mais uma vez, eu ali, me fechando de novo com minha solidão diante dos fatos. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Diante da fala do acadêmico é nítido que para a maioria dos que são considerados homens, o simples fato de mexer o corpo pode contribuir para a quebra da crença de que “homem que é homem” tem que ser “durão inflexível”.

Conforme os escritos de Eluf (2000, p.80), assumir-se preconceituosos “é uma prática incomum entre as pessoas”, seguindo com o mesmo raciocínio Jesus (2002, p. 05) explica que a sociedade como um todo tende a se considerar não preconceituosos por terem “dificuldade de identificar o significado dessa palavra e também por acreditarem que o preconceito está atrelado às vias de fato, com ações agressivas ou com palavras de baixo calão”. Em concordância com Aquino (1998) e Crochik (2006) vale lembrar que o preconceito é um fenômeno interiorizado, imperceptível, mas efetivamente presente nas ações humanas.

Ao mencionar sobre homens que dançam Andreoli (2010, p.116) expõe que todos de alguma forma “passam por situações constrangedoras dentro e fora de casa”, Silva Jr. (2010, p.12) explica que dançarinos homens são admirados, enaltecidos e invejados apenas por pessoas de seu grupo, fora dele “estão sujeitos a acusações de todo o tipo”.

É compreendido por Giusepp e Romero (2004) que o paradigma presente nessa questão, dificilmente será quebrado se não for trabalhado de maneira efetiva em todas as esferas sociais, somente dessa maneira a “dança não será mais vista como atividade exclusivamente feminina, mas sim uma atividade normal destinada a quem desejar praticá-la, independente do gênero ou de qualquer outro parâmetro”. GIUSEPP E ROMERO (2004,p.145). Mas para que isso aconteça, afirma Rosa (2006, p.97) é preciso “discutir, debater, sobretudo, conscientizar”.

Em relação à questão da motivação que contribui para a permanência na universidade, Shanna expressa sentir uma forte identificação com o curso, focando principalmente na questão da dança, e ressalta como a escola e aqueles que nela atuam devem ficar atentos às questões do preconceito, *bullying* entre outros, pois são acontecimentos que a criança irá levar como experiência de forma negativa até quando ingressar na universidade:

Um espaço universitário agora se transformava em palco de singela esperança. De portas mais abertas, foi que cheguei em 2018 e descobri o prazer da dança, do projeto de extensão e de um ciclo de amizade fortalecedor. Quando ingressei na universidade, confesso que fiquei um pouco tenso, apesar de querer muito estar nesse ambiente. Apesar de estar superanimado, eu acabei levando um pouco do trauma da vivência na escola para a faculdade. Como já relatei, foi um período

muito difícil para mim, em relação à ansiedade eu acabei criando uma aversão ao ambiente escolar, eu me sentia mal de estar na escola, e eu meio que associei isso para a universidade. (Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Ao observar sobre a trajetória desse acadêmico, verifica-se que é desenhada sob muitos desafios, principalmente pelo fato da condição de ser LGBT. As dificuldades são colocadas desde o ensino básico até chegar à universidade. Então o acadêmico Shanna sempre sofreu discriminação por demonstrar sua orientação sexual desde os 12 anos de idade.

Apesar das dificuldades, tenho que dizer que também aprendi muita coisa. Preconceito por me perceber gay?! Sim. Desde os 12 anos. Não vou dizer que tudo foi flores, porque estaria mentindo. Mas com o decorrer das aulas, interagindo com os alunos, eles me conhecendo, tudo se normalizou. Certo que nada se compara aos pés daquilo que o espaço escolar e familiar me fazia sentir... Solidão! Nada que eu faça paga a realidade de hoje, agradeço constantemente a pessoa que sou hoje, depois que me aproximei dessa Universidade. Mesmo com um histórico de preconceito, sofrimento, solidão e exclusão. Hoje sou voz! Voz que luta pela realização de terminar o curso na universidade, voz de quem fez um curso de crochê em bolsas para qualificar meu talento nos trabalhos manuais entre outros.(Entrevista realizada em 10 de abril de 2021).

Alves e Silva (2015) nos levam a refletir sobre as questões no âmbito universitário, que se pensarmos trata-se de um lugar de socialização e formação cidadã, não se pode consentir que esse tipo de violência, que desrespeita as diretrizes educacionais e os direitos humanos, continue.

Assim, construir uma pedagogia com base no respeito às diversidades, bem como um currículo que não padronize os sujeitos, sejam eles como forem, e que “[...] atenda aqueles que se encontram às margens da sociedade é necessário, não só para a garantia da permanência, mas para o fortalecimento da verdadeira inserção à universidade”. (SANTOS, 2017, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação apresentou as narrativas de experiências de vida dos acadêmicos LGBT do curso de Educação Física de uma instituição de ensino superior de Campo Grande/MS. Por meio das narrativas dos participantes do estudo, foi possível compreender que tais vozes retrataram além das suas identidades e diferenças, muitas dores advindas das diversas formas de violência, preconceito e discriminação em ambientes familiar, escolar e social.

Os dados produzidos pelos acadêmicos LGBT sobre as suas trajetórias, mencionaram que o preconceito dentro da instituição de ensino superior ocorre, na maioria das vezes, de forma silenciosa, velada, porém, por eles, não passa despercebido. Dessa forma, a pesquisa nos ajudou a compreender que as relações construídas no ambiente acadêmico apresentam certa tolerância no que diz respeito à presença desse público no espaço universitário.

Os acadêmicos LGBT, mesmo diante da solidão e do sofrimento narrados, além do mais alguns relataram minimização de dores ao se depararem nesse local. Nesse sentido, a orientação sexual considerada como aspecto relevante no decorrer das análises, permitiu uma melhor compreensão da relação entre as condições de ser LGBT, suas identidades e diferenças, com as condições de permanência em uma instituição de ensino superior.

Contudo, pode-se considerar que as análises sobre as narrativas de vidas individuais, apresentaram que os atuais desafios enfrentados pelos acadêmicos LGBT, estão atrelados por algumas das vezes às questões financeiras, sentimento de rejeição e por atos preconceituosos. No entanto, de modo geral, os acadêmicos em questão, vêm superando e apreendendo com os desafios de permanecer na instituição, e atrelam isso à forte identificação pelo o curso de Educação Física.

Como narrado no decorrer das experiências de vida dos acadêmicos LGBT, mencionaram que demonstraram abertamente sua orientação sexual no ambiente acadêmico logo ao ingressar, mesmo que já se sentiram excluídos e rejeitados em algum momento dentro da instituição, como também, já se sentiram inseguros ou constrangidos em algum momento e presenciaram ou souberam de algum caso de homofobia dentro do curso. Tais temáticas demandam novas investigações, no sentido de aprofundar as análises acerca dos processos. Vale relembrar que a condição de ser LGBT, reforça diversas barreiras que essa comunidade

precisa enfrentar por ser diferente, como sentimentos de rejeição, os de inclusão ou exclusão pertencente no interior da universidade.

Outro ponto que pode ser considerado essencial, para futuras pesquisas através dos relatos, é a necessidade de ouvir o outro lado da história, ou seja, a família. Precisamos compreender e desmistificar o processo de homofobia intrafamiliar como um fenômeno histórico-cultural, compreende que se isso não for feito, o ciclo da violência nunca vai acabar, e a comunidade LGBT continuará adoecendo e sofrendo. Podemos referir que vivenciar relações afetivossexuais consensuais deve ser direito de todos, independentemente de orientação sexual, identidade de gênero, cor, raça credo ou classe social.

Acadêmicos conscientes de seus direitos, fortalecidos pelas suas convergências e valorizados em suas singularidades podem inspirar outras vidas na construção participativa de novos horizontes contra o preconceito e a discriminação por meio da educação. Todavia, é importante apontar as limitações desse tipo de estudo, tais como, a impossibilidade de extrapolar o contexto analisado e ampliar tais trajetórias para um universo mais amplo dos acadêmicos LGBT no âmbito universitário. Por outro lado, o fato de se tratar de uma análise das vidas que se cruzam no contexto de um determinado projeto/trabalho, constituindo uma experiência controlada em tempo e espaço, poderia ser uma limitante para transferir resultados semelhantes em ambientes da vida cotidiana fora do espaço em situação de pesquisa.

As instituições de ensino superior precisam trabalhar para a melhor compreensão das noções de identidade de gênero e orientação sexual, para combater a homofobia em todas as suas dimensões. Infelizmente, constatamos que faltam ainda metodologias, informações e poucas pesquisas, para reconhecer a legitimidade e as estratégias desses espaços.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Marília del Ponte; SARAIVA, Maria do Carmo. **O feminino e o masculino na dança:** das origens do balé à contemporaneidade. 2013. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola de Educação Física Brasil, Escola de Educação Física Brasil, Rio Grande do Sul, Brasil, 2013.
- ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira; SILVA, Elder Luan dos Santos. **Universidade, gênero e sexualidade:** experiências curriculares e formativas de estudantes não heterossexuais na UFRB. *GÊNERO*, Niterói, v.17, n.1, p. 83-98, 2016.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. Representações de Masculino na Dança Contemporânea. Dissertação de Mestrado apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- AQUINO, Julio Groppa. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Editora Summus, 1998.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas.** *Letras Escreve*, Macapá, v. 7, n. 1, p. 137, 2 jun. 2017. Universidade Federal do Amapá. <http://dx.doi.org/10.18468/letras.2017v7n1.p137-164>. 11 de janeiro de 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BARRETO, Flavia de Oliveira; SILVESTRI, Mônica Ledo. **Relações dialógicas interculturais: Brinquedos e Gênero.** In: RIBEIRO, Claudia Maria; SOUZA, Maria Silva de. *Educação Inclusiva: tecendo Gênero e diversidade Sexual nas redes de proteção*. Lavras, MG: Ufla, 2008. p. 59-83.
- BRAGA, Iara Falleiros et al. **Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 71, supl. 3, p. 1.220-1.227, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672018000901220&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 28 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília. 2013. 32p.
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. (M.H. Kühner, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1998).
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Edição em língua portuguesa publicada mediante acordo com Routledge, Inc.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In LOURO, Guacira Lopes (Org), *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003a.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. 2008. 13 f. Tese (Doutorado) - Curso de , Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CAMPOLIN, Eliane Cristina; OLIVEIRA, Alderenik Antonio de. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. 2014. 12 f. Tese (Doutorado) - Curso de Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2014.

CASTRO Maria da Paz ; Maria Paula Zurawski, Crislei Custódio, Julia de Abreu (colaboração); Neide Nogueira (coordenação); Ana Rosa Abreu (direção); Lúcia Brandão (ilustrações) *Diversidade e discriminação – 4.ed. – São Paulo, SP: Vlado Educação, 2020.*

CHAGAS, Emmily; NASCIMENTO, Thayana. (IN)VISIBILIDADE TRANS: uma breve discussão acerca da transfobia na vida de travestis e transexuais. In: JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PUBLICAS, VIII. Maranhão, UFMA, 2017. s/p - s/p.e “Sex and Gender”, cuja primeira edição é de 1968).

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS DO DIONÍSIO. *Furnas do Dionísio: Caderno Virtual de Turismo*, v. 5, n. 1, 2005.

COOK, Clive *et al.* ‘**What it takes**’: perceptions of mental toughness and its development in an English Premier League Soccer Academy. *Qualitative Research in Sport, Exercise & Health*, v.6, n.3, p.329-347, 2014.

CORDEIRO Priscilla Mendes. **Universitários lésbicas, gays, bissexuais e trans: os desafios para equidade na educação superior**. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Manaus 10 fev. 2018.

CROCHIK, José Leon. *Preconceito, individuo e cultura*. 3ª edição, São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006.

DIAS, Alaides Cardoso *et al.* **A contribuição do pensamento decolonial na afirmação da cidadania**. 2019. 118 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviços Sociais, Universidade Estadual do Tocantins, Universidade Estadual do Tocantins, 2019.

DUARTE, Gustavo. **Masculinidades dançantes em Pelotas/RS, Paralelo 31**, v. 2. p. 78-87, 2016.

ELUF, N Luiza. *Brasileiro (a) é assim mesmo. Cidadania e preconceito*. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

FERREIRA, Lucia Gracia. *Desenvolvimento profissional e carreira docente: diálogos sobre professores iniciantes*. *Acta Scientiarum. Education*, v. 39, n. 1, p. 79–89, 15 dez. 2017.

FEITOSA, Cleyton. **As diversas faces da homofobia: diagnóstico dos desafios da promoção de direitos humanos LGBT**. 2016. 21 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direitos Humanos, A Universidade Federal da Bahia, A Universidade Federal da Bahia, 2016

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?:** movimento homossexual e produção de identidade coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. Famílias homoafetivas. Revista Brasileira de Psicodrama. **Seção Temática: a família na sociedade pós-moderna**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.21-33, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003. Acesso em: 01 mar. 2022.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line), Brasília, v. 97, n.247, p.534551, set./dez.2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 de agos. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 58º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FISS, Doris Maria Luzzardiet al. **Identidades Docentes e Educação Básica: as vozes dos professores**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 422-443, abr./jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder. Org. e Trad.** de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade - A vontade de saber**. Vol. 1. São Paulo: Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France. Trad.** de Andréa Daher, consultoria, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade. Trad.** Maria Ermantina Galvão São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Sexualidade e Poder**. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política. **Trad.** de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourados Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. Trad.** de Laura Fraga de Almeida Sampaio São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GARCIA, José Carlos. **Problemáticas da Identidade Sexual**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GIARDIN, Aline Rosana; ANZANELLO, Jactiane; SCHETTINGER, Maria Rosa Chitolina. **A voz cala, o corpo grita: As Dificuldades de Alunos LGBTs nas Aulas de Educação Física.** 2019. 433 f. Tese (Doutorado) - Curso de Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

GIUSEPP, Erik; ROMEDO, Elaine. "... Para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança..." Revista da Faced, n.8, p.139-154, 2004.

GOMES, Manoel Messias. **A diversidade de culturas no Brasil: como valorizá-las na prática educativa da sala de aula?** Revista Educação Pública, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/a-diversidade-de-culturas-no-brasil-como-valoriza-las-na-pratica-educativa-da-sala-de-aula>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005
JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2012. Brasília: Autor, 2012. 24p. : il. (algumas color.)

JESUS, Regina de Fátima de. Professoras negras: assumindo a identidade étnica e desvelando o preconceito e a discriminação no cotidiano da vida e da profissão. São Paulo, julho de 2002. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br>, acesso em 10 agos. 2022

JORNAL CAMPO GRANDE NEWS. 23 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/governo-de-mato-grosso-do-sul-lanca-campanha-contr-a-lgbt-fobia>.

JUNIOR, João Batista da Silva. Representações de masculinidade nos salões de dança carioca. Revista Fazendo o Gênero, v.9, 2010.

JUSBRASIL.com.br Disponível em: <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/376191509/entenda-o-projeto-da-cura-gay> 15 fev. 22

KOLNAI, Aurel. Asco, soberbia, odio. **Fenomenología de los sentimientos hostiles.** Madrid: Encuentro. 2013.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/mqss11>>. Acesso em: 20. jan. 22.

LEITE, Amanda Maurício Pereira. **Educação, gênero e sexualidade: entreolhares e problematizações.** In: LEITE, Amanda Maurício Pereira; ROSA, Rogério Machado (Org.). Módulo 3: educação, escola e violências. Florianópolis: NUVIC-CED-UFSC, 2011. pt. 1, cap. 1.

LIBÂNIO José Carlos. Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99.

LIMA JUNIOR, José Alves de. **Um estudo sobre a presença de preconceito contra homossexuais entre os estudantes da faculdade de ed.** 2015. 38 f. Monografia

(Especialização) - Curso de Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília – Unb, Brasília, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares**. In: Luiz Heron Silva (Org.). A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998: 33-47.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Deborah; HOOKS, Bell, PARKER, Richard, BUTLER, Judith. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia; *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 2012. 307 f. Tese (Doutorado) - Curso de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MELO, Mariana Soares Pires. **Ser LGBT e pesquisar LGBT'S: questões teóricas metodológicas para uma pesquisadora lésbica**. 2017. Curso de A Universidade Federal da Paraíba, A Universidade Federal da Paraíba, A Universidade Federal da Paraíba, 2017.

MIGDALEK, Jack. **The Embodied Performance of Gender**, v.43, London, United Kingdom: Routledge, 2015.

MONACI, Matheus Hipolito. **Fatores que tornam uma Organização Inclusiva para Indivíduos LGBT: uma análise exploratória do ambiente universitário e empresarial**. 33 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Econômicas, Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2018.

NASCIMENTO, Maria Augusta Vilalobos. **Dimensões da Identidade Profissional Docente na Formação Inicial**, Revista Portuguesa de Pedagogia. Coimbra, v. 2, n. 41, p. 207-218, 01 jul. 2007. Coimbra University Press. <http://dx.doi.org/10.14195/1647-8614>. Acesso em: 22. set. 21

OLIVEIRA, Maria Polyana Silva et al. Dança e saúde: discutindo sobre os principais benefícios da dança nos aspectos psicológicos em mulheres. Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu, Pará, v. 1, n. 2, p. 35-43. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/288212877.pdf> Acessado: 20 mar. 2020.

OKSAL, A. **Turkish family members' attitudes toward lesbians and gay men**. Sex Roles, 58,514-525, 2008. doi: <https://doi.org/10.1007/s11199007-9370-6>. Acesso em: 10 maio 2021.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEROSA, G. S; COSTA, T. L. Uma democratização relativa? Um estudo sobre o caso de expansão da UNIFESP. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 130, pág. 117-137, jan./mar, 2015.

POESCHL, G., Venâncio, J., & Costa, D. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: O ponto de vista das pessoas homossexuais. **Revista Psicologia**, 26(1), 33-53, 2012.
<http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/Upload/PDF13/010360%20Revista%20PSICOLOGIA%202012b%20v%2026%20n%201.pdf>. Acesso em: 20. Jan. 2020.

PIRES, Vera Lúcia. **Questões sobre identidade e diferença**: tensão entre o mesmo e o outro. 2002. 30f. Tese (Doutorado) - Curso de Laboratório Corpus/UFSM, Laboratório Corpus/UFSM, Santa Maria, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6337/3832>. Acesso em: 10. set. 2021.

RIBEIRO, Cristine Jaques; MORAES, Camila de Freitas; KRUGER, Nino Rafael Medeiros. **A universidade e os corpos invisibilizados: para se pensar o corpo LGBT**. *Diversidade e Educação*, Rs, v. 7, n. 2, p. 359-374, 20 fev. 2020. LepidusTecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/de.v7i2.9305>. Acesso em: 12. Jun. 2021.

ROMERO, Karen Richiter Pereira dos Santos. **Crianças vítimas de abuso sexual: Aspectos psicológicos da dinâmica familiar**. Curitiba-PR. 2007

ROCHA, Marcio Arthoni Souto da; BORIS, Georges Daniel JanjaBloc; MOREIRA, Virginia. **A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica**. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 18, n. 1, p. 69-78, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a10.pdf>> Acesso em: 28 de março 2022.

ROCHA, Leonardo Tolentino Lima; PRADO, Marco Aurélio Máximo; MARTINS, Daniel Arruda. O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. *Revista Bagoas: Estudos gays, gêneros e sexualidades*, Natal, vol. 3, n. 4, jan./jun. 2009, pp. 209-232.

ROSA, Marcelo Victor da. **Educação física e homossexualidade**: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/UFSC. 2004. 131 f. Tese (Doutorado) - Curso de Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

ROSA, Marcelo Victor. *Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos*. *Revista Motrivivência*. São Paulo, outubro de 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Editora Cortez. 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANDERSON, Patrícia. Age and gender issues in adolescent attitudes to dance. **European Physical Education Review**, v.7, n2, p. 117-136, 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1356336X010072002>. Acesso em: 17. Set. 2021.

SANTOS, Jailson Batista dos. **Os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia** – Educação do Campo / Jailson Batista dos Santos. João Pessoa: UFPB, 2017.

SANTOS, Boaventura Souza. Para uma concepção multicultural de direitos humanos. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 7-34, jan./jun., 2001.

SILVA, Joaquim Lopes da. *A Criança Indígena no Espaço Escola de Campo Grande*. 2015. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Universidade Católica Dom Bosco, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às Teorias de Currículo*. 3. ed. São Paulo: Autêntica. 2010.

SILVA, C.G.; PAIVA, V.; PARKER, R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.17, n.44, p.103-17, jan. /mar. 2013.

SOBRAL, Priscilla. *Soteroprosa Olhares Contemporâneos é um portal de Conhecimento, Entretenimento e Reflexão*. Salvador, Bahia, Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.soteroprosa.com/single-post/roupa-tem-g%C3%AAnero> Acesso em: 15 de agost.2022.

SOUZA, Elaine; SANTOS, Claudine. **Educação sexual na escola: desconstruindo mitos e preconceitos acerca da sexualidade, gênero e diversidade sexual**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2012, São Cristóvão, SE. [Anais]. São Cristóvão, SE: [s. n.], 2012. p. 1-16. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10171/10/9.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SILVA Sergio Gomes da. **A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2006, 26 (1), 118-131 Instituto de Medicina Social/ IMS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA Gonçalves da, Valdeci. A visibilidade do suposto passivo: **uma atitude revolucionária do homossexual masculino** Revista Mal-estar E Subjetividade, vol. VII, núm. 1, marzo, 2007, pp. 71-88 Universidade de Fortaleza, Brasil.

SOARES, A.B., & DEL PRETTE, Z.A.P. **Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos**. *Análise Psicológica*, 2(33), 139-151. doi: 10.14417/ap.911, 2015.

SOUZA, Andréa Bittencourt de. **Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade**. Ensinando modos de ser bailarino. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, ULBRA, Canoas, 2007.

VELOSO, Maristela Midlej Silva Araújo. O professor e a autoria no contexto da cibercultura: redes da circulação no cotidiano da escola. Salvador 2014, 280 f.

VIODRES, Inoue, S. R., & RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 25(1), p. 1-21, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335887002>. Acesso em: 23. fev. 22

VIEIRA JUNIOR JI, ALMEIDA JP. Vivência LGBT Na UFERSA. TCC (Graduação em Ciência e Tecnologia) Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2019; 24 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 7-72.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.